



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

JOSÉ VENÂNCIO SOARES VIEIRA

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL:
EM UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS MITOLÓGICOS E DA INFLUÊNCIA DO
LATIM

CAJAZEIRAS - PB

2021

JOSÉ VENÂNCIO SOARES VIEIRA

***HARRY POTTER* E A PEDRA FILOSOFAL:
EM UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS MITOLÓGICOS E DA INFLUÊNCIA DO
LATIM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2021

V658h Vieira, José Venâncio Soares.

Harry Potter e a Pedra Filosofal: em uma análise dos elementos mitológicos e da influência do latim / José Venâncio Soares Vieira. - Cajazeiras, 2021.

67f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2021.

1. Literatura. 2. Língua latina. 3. Mito. 4. Mitologia. 5. Análise literária. 6. Mitologia greco-romana. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

JOSÉ VENÂNCIO SOARES VIEIRA

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL:
EM UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS MITOLÓGICOS E DA INFLUÊNCIA DO
LATIM

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 18/05/2021

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.^a Ma. Adriana Moreira de Souza Corrêa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a Maria e a todos os seres de luz pela força e coragem durante toda esta longa caminhada, pois, sem eles eu não teria traçado o meu caminho e feito as melhores escolhas. Não teria vivido muitos momentos bons e enfrentados os ruins e pela vitória de meu primeiro sonho pela escolha das Letras.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva por sua força e garra para vencer que me inspirou a seguir seu caminho, por sua dedicação na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Aos membros da banca, por participarem e opinarem neste trabalho dando sua honrosa contribuição.

A todos os meus professores do curso que, durante muito tempo, ensinaram e mostraram o quanto estudar é essencial. Mas, em especial, gostaria de mencionar as professoras Lígia Calado por nunca fazer distinção entre os alunos e considerar todos como um todo. À Adriana Corrêa por trazer brilho e *glitter* em um momento negro na minha vida e sempre estar iluminando minha vida acadêmica e pessoal, gratidão. À Rose Leite, Fátima Elias, Erlane e Hérica por mostrarem que o que queremos podemos achar olhando para dentro, e por fim, a Nazareth Arrais, por mostrar que nas atrocidades da vida devemos acreditar em nós mesmos, e sempre buscando que somos realmente bons em quaisquer atividades que nos dispusemos a fazer.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus amigos da Universidade, por todo o tempo que estivemos juntos. A começar pelos colegas do meu curso de Letras, de pedagogia, história e geografia, pelas brincadeiras e momentos sérios. Aos meus amigos da “Móia” incluindo Daniele (vaqueira), gratidão a vocês pelas muitas histórias, lágrimas, risadas e o principal o respeito; a Mayara que primeiramente me concedeu a sua amizade e companheirismo em qualquer atividade acadêmica e de vida. Vocês foram e são muito importantes na minha vida.

Ao meu primo e amigo Vamberg (Beguinha), minha gratidão e amor, foi por ti que comecei meus caminhos de leitura e amor por Harry Potter. Você me ofereceu seu ombro amigo por diversas vezes sem pedir nada em troca, apenas amizade, apesar de estarmos longe, meu sentimento por você é o mesmo de amor.

Quero exaltar meus agradecimentos aos amigos de vida que são poucos, mas, de verdade como: Antônio (Totonho), Lorena, Kaelly, Diogo Ludovico e a minha grande amiga e

mãe Margysa e meu amigo Janilson, eles foram e são fundamentais na minha vida. Obrigado por tudo!

Ao meu namorado José Francisco Veríssimo por toda dedicação, incentivo, amor e o principal: a paciência, para que alcançasse este objetivo em concluir essa graduação, gratidão por todo carinho e respeito em meus momentos de epifanias, você não tem noção o quanto suas palavras e pequenos gestos foram e são grandiosos para mim.

Gostaria de agradecer e exaltar minha gratidão, amor e todas as minhas conquistas, aos meus pais Aercio Brasileiro Vieira e Francilene Soares Vieira, principalmente a ti, mãe, a senhora foi e é fundamental alicerce de tudo que eu conquistar, só nós dois sabemos o que passamos para que eu chegasse nesse momento, quantos pães partilhados, noites em claro, renúncias a momentos e objetos para estarmos alegres hoje.

À minha avó Espedita dos Santos Silva, minha segunda mãe, por sempre ajudar com seu sorriso e muitas vezes dinheiro.

À Fracinete Soares de Andrade, Gean Carlos de Andrade, Jane Lane Soares Costa por sempre acreditarem que esse diploma é uma conquista de todos.

À minha mãe e tia Francinalda Soares dos Santos por ter sido minha primeira professora e incentivadora desse caminho.

Ao meu tio Adriano dos Santos Lima, meus primos Kauã Kelvin dos Santos Lima e minha afilhada e prima Leyla Sabrina, todo apoio, incentivo e ajuda durante a construção desse TCC.

Por fim, gostaria de agradecer a minha mãe de consideração, que o destino me deu, Clarice Barros dos Santos, obrigado por seu carinho, amor e renúncias para seguir ao meu lado sorrindo e chorando comigo e todas as minhas mães do Bairro Alto do Cruzeiro, sítios e cidades vizinhas. Amo vocês!

“Não faz bem viver sonhando e se esquecer de viver, lembre-se”

(Alvo Dumbledore)

RESUMO

Harry Potter, uma coleção de sete livros publicados pela escritora inglesa *J.K. Rowling*, tem o poder de atrair muitos leitores para um mundo encantado. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as construções mitológicas e as ações da língua latina no livro “*Harry Potter e a Pedra Filosofal (2017)*”, procurando construir sentidos promovidos a partir das discussões sobre a obra. Para tanto, as ações realizadas para atingir essa meta foram: primeiro apresentamos alguns aspectos sobre a mitologia Greco-romana; depois realizamos uma análise sobre a língua latina e levantamos sentidos acerca dessa língua milenar e, como última ação, suprimimos construções mitológicas, identificamos, apontamos e citamos ligações para melhor compreensão da obra em estudo. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa alicerçada nas contribuições teóricas de Eliade (1957/2000), Brandão (1986), Thomas Bulfinch (2002), Chevalier (2019), os quais se debruçam em diálogos acerca dos estudos mitológicos apontando ações ou elementos presentes nesse contexto. Sobre a teoria da língua latina, partimos dos estudos de Faraco (1998) e Oliveira (2001). O universo de pesquisa deste trabalho são as obras de *J.K. Rowling*. Selecionamos, dentre esse universo, como *corpus* a ser investigado, a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal (2017)*”, da mesma autora. Como resultados desta investigação, destacamos a presença de criaturas que nos permite visualizar o amplo campo de representações mitológicas em suas inúmeras páginas. Foi possível reconhecer ainda o uso de novos termos e expressões latinas que buscam dar conta de contextos socioculturais emergentes da produção textual contemporânea, modernos conceitos, fatos, objetos, concedidos por um determinado tempo e que são naturalmente forjadas com pedaços de outras, não dicionarizadas.

Palavras-chave: Mito. Mitologia. Língua Latina.

ABSTRACT

Abstract: Harry Potter, a series of seven books written by the English writer J.K. Rowling, has the power to attract many readers to an enchanted world. The general objective of this research is to analyze the mythological constructions and the role Latin language plays in the book *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (2017). It is intended to build meanings from the discussions about the work. For this, the actions taken were: first, we presented some aspects about Greco-Roman mythology; then we analyzed the use of Latin language in Rowling's book trying to build meanings in this ancient language and, as a last action, we suppressed mythological constructions, identifying, pointing out and showing links for a better understanding of the work under study. The research methodology used was bibliographic with a qualitative approach based on the theoretical contributions of Eliade (1957/2000), Brandão (1986), Thomas Bulfinch (2002), Chevalier (2019), who focus on dialogues about mythological studies pointing out actions or elements present in this context. For a theory of the Latin language, we refer to the studies by Faraco (1998) and Oliveira (2001). The research universe of our study are the works of J.K. Rowling. We selected, among them, as the corpus to be investigated, the first novel of the series *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (2017) ". As a result of this investigation, we highlight the presence of creatures that allow us to visualize the wide field of mythological representations in this novel. It was also possible to recognize the use of new Latin terms and expressions that aim at meeting, in contemporary textual production, the demands of emerging sociocultural contexts, modern concepts, facts, objects. Those terms and expressions, heavily used for a certain time, gave light to new words forged in the work of Rowling with parts of others, that do not have entries in dictionaries.

Keywords: Myth. Mythology. Latin language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CONCEITO DE MITO	14
1.1 NAS VEREDAS DA MITOLOGIA.....	17
1.2 ASCENDÊNCIA DA LITERATURA LATINA.....	22
2 RESUMO DO LIVRO: HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL	24
2.1 O PERCURSO DA AUTORA.....	24
2.2 RESUMO DO LIVRO: HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL.....	25
2.2.1 Capítulo 1: O menino que sobreviveu.....	25
2.2.2 Capítulo 2: O vidro que sumiu.....	26
2.2.3 Capítulo 3: As cartas de ninguém.....	26
2.2.4 Capítulo 4: O guardião das chaves.....	27
2.2.5 Capítulo 5: O Beco Diagonal.....	28
2.2.6 Capítulo 6: O embarque na plataforma nove meia.....	28
2.2.7 Capítulo 7: O Chapéu Seletor.....	29
2.2.8 Capítulo 8: O mestre das poções.....	30
2.2.9 Capítulo 9: O duelo da meia noite.....	31
3.2.10 Capítulo 10: O Dia das Bruxas.....	31
3.2.11 Capítulo 11: Quadribol.....	32
3.2.12 Capítulo 12: O espelho de Ojesed.....	33
3.2.13 Capítulo 13: Nicolau Flamel.....	35
3.2.14 Capítulo 14: Noberto, o dragão norueguês.....	36
3.2.15 Capítulo 15: A Floresta Proibida.....	37
3.2.16 Capítulo 16: No alçapão.....	39
3.2.17 Capítulo 17: O homem de duas caras.....	40
3 MITOLOGIA NO LIVRO HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL	43
4 O LATIM DE ROMA A HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL	56
4.1 ANÁLISE DE TERMOS E EXPRESSÕES LATINAS	58
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

A professora inglesa *Joanne Rowling* lançou o seu primeiro livro, intitulado *Harry Potter and the Philosopher's Stone*¹, através da editora *Bloomsbury*, de Londres. Após vinte anos e mais quinze livros lançados, *Rowling* estampa na lista de bilionários da página de *internet* da Revista *Forbes*. Do anonimato para a fama trazida pela publicação de seus *best sellers* em 64 idiomas (ROWLING, 2007), *Rowling* causa polêmica entre críticos, educadores, religiosos e pais, causa também um fenômeno cultural, que gera milhões de dólares todos os anos com a comercialização dos produtos que recebem a marca *Harry Potter*.

O presente trabalho científico que aborda a evolução do mito e da língua latina em nossa sociedade determina uma elucidação da mitologia e a percepção viva do latim através da literatura no século XXI, realizado através de análises, leituras, pesquisas bibliográficas, e considerações sobre a personificação dos seres mitológicos que atraem os jovens leitores através de seus personagens mitológicos na leitura de obras infanto-juvenil, na releitura da mitologia por meio de características modernas.

Assim, este trabalho se propõe a analisar o *corpus Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) o primeiro livro da saga e construir uma reflexão acerca do conjunto temático em estudo, de modo a rastrear palavras carregadas de significados e influências e que estão ligadas à contribuição da mitologia e do latim. A justificativa para a seleção desse livro da saga consiste em razões de tempo para a realização da pesquisa e limitações gerais da monografia. O critério empregado para tal escolha foi o fato de, por ser o primeiro livro da série, é provável iniciar nele um significativo número de abordagens presentes na obra e em toda a saga, possibilitando uma discussão mais ampla.

Entretanto, partindo dessa premissa, o problema está em como o investigador enxerga as contribuições da mitologia e a linguagem latina mediante a leitura da saga de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) de forma significativa sem interferir no real sentido da saga, apontando detalhes preciosos no decorrer do processo literário.

Portanto, emerge nessa pesquisa o interesse em buscar compreender o interesse da autora por palavras de origem latina e a utilização de personagens norteados com nomes ou características mitológicas, levando a saga a um maior sucesso no universo infanto-juvenil e todos que se deleitam com essa fascinante obra, o prazer pela pesquisa através da vertente do latim e da mitologia que desperta nos pesquisadores a grande imersão nesse assunto na obra.

¹ Harry Potter e a Pedra Filosofal

Dessa maneira, define-se que o **objetivo geral** deste trabalho é analisar as construções mitológicas e as ações da língua latina no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal (2017)*, que a autora Rowling deixa de maneira sucinta e as vezes a mostra essas referências em estudo. Nesse sentido, estabelecem-se os seguintes **objetivos específicos**: Apresentar determinados aspectos sobre a mitologia Greco-romana; analisar sobre a Língua Latina e construção de sentidos por cima dessa língua milenar; compreender as construções mitológicas e sobre a língua Latina na exploração da obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal (2017)*, identificando, apontando e citando ligações para melhor compreensão da obra em estudo.

O presente estudo se **justifica** na aceção de investigar e entender o porquê do uso de termos em latim e da aplicação da mitologia no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal (2017)* e em toda saga. Transformando toda a série em uma “febre” entre todos os leitores de literatura de massa sem segregar em idades, assim, surgiu o interesse pelo estudo, na intenção de tentar compreender as nuances por trás dessas construções mitológicas e a língua latina bem como identifica os leitores e pesquisadores.

Segundo Lakatos (2001) uma pesquisa parte de um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer uma análise científica e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para se descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para as questões propostas, utilizando métodos científicos. Assim, esta pesquisa é de cunho bibliográfico, pois, de acordo com Heerdt e Leonel (2007, p. 67), é “[...] aquela que se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias já publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, meios eletrônicos, etc.” sejam eles da autoria de *Rowling* ou não.

A pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2002), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema e torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Seu fundamental e principal objetivo é o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos do fato estudado. Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja flexível, em muitos casos ela assume a forma de pesquisa bibliográfica, como é o caso deste estudo.

Partindo dos pressupostos teóricos sobre a mitologia tomando como base teórica os estudos de Mircea Eliade (1957 / 2000), Junito de Souza Brandão (1986), Thomas Bulfinch (2002) e Jean Chevalier (2019). Pautaremos as ações mitológicas descrita no livro em estudo *Harry Potter e a Pedra Filosofal (2017)*, confrontando as alterações na construção da autora *Rowling*, articula a tais observações mitológicas, traçaremos um estudo da língua latina fomentados em Pimentel Pinto (1989), Carlos Alberto Faraco (1998), Ernesto Ferreira de

Oliveira (2001), apresentando outras possibilidades do uso dessa língua clássica na construção literária.

É importante ressaltar ainda que, tornou-se hábito associarem ilusão, lenda, ídolo ou ficção mitológica a mentira. Contudo esse conceito está errado, pois, o mito é real para quem o vive. As narrativas são as primeiras prerrogativas que dão sentido ao mundo através de uma específica história mítica, é por meio delas que a imaginação e a afetividade desempenham grande papel. Mesmo que trabalhando com a fantasia, o mito não é ilusório, pois sua racionalidade independe da lógica. O mito é uma possibilidade de compreensão do passado, logo não é exclusivo de povos ou civilizações, entretanto enraíza-se em todas as culturas e tempos como ingrediente fundamental para a forma humana assimilar a realidade.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O **primeiro capítulo**, logo após a Introdução, intitulado “Conceito de mito”, discorre-se sobre o contexto histórico do surgimento do mito, ainda acoplado a esse primeiro capítulo temos dois subtítulos, o primeiro subtítulo nomeado “Nas veredas das mitologias” e o segundo “Ascendência da Literatura Latina” ambos expõem umas reflexões sobre a historicidade de cada temática.

O **segundo capítulo**, é iniciado com uma introdução a trajetória da autora e o desenvolvimento em resumo de toda a obra do livro a Harry Potter e a Pedra filosofal, fazendo uma recepção a quem não leu ainda na íntegra a mesma.

O **terceiro capítulo**, “Mitologia no Livro de *Harry Potter e a Pedra filosofal*” trata de definir aspectos mitológicos encontrados na obra em estudo, fazendo a ligação da mitologia greco-romana onde a autora deixa bem claro através de nome iguais aos deuses gregos ou caracterizando apenas alguns personagens com marcas de alguns mitos. São apresentadas particularidades da autora na idealização desses personagens na construção da obra revelando aspectos iguais e diferentes através da relação e do comportamento dos mesmos.

No **quarto capítulo**, “O latim de Roma a Harry Potter e a Pedra filosofal” discorre sobre a influência da língua milenar o “latim”, na construção de feitiços fazendo o uso de neologismos literários, ou seja, construção de novas palavras dando um caráter único e significativo para fãs e pesquisadores sobre essa língua grandiosa e viva na atualidade, seguindo nessa linha também encontramos personagem que recebem nomes próprios em decorrência do latim onde podemos observar a representação dessa língua de um ângulo diferente, na construção do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017). Dentro desse mesmo capítulo temos um subtítulo “Análise de termos e expressões latinas”, levando a fazer mais profunda a pesquisa desses termos na obra *Harry Potter e a Pedra filosofal*, tentando compreender e tentar

desvendar as particularidades da autora a fazer a citação de tais termos. Por fim, tem-se a conclusão da pesquisa realizada e as referências teóricas que a fundamentaram.

1 O CONCEITO DE MITO

O mito é para quem o vive, uma forma de realidade. Segundo Ferreira (2015), é para o mundo inteligível que dele nasce, totalidade indefinível. Caracteriza o mundo em seus momentos primordiais, relata histórias sagradas; sugere modelos e paradigmas de comportamentos; idealiza o homem num tempo que precede o tempo; aponta a história e os empreendimentos humanos num espaço indimensionável, define os limites intransponíveis da consciência e as significações que instalam a existência humana no mundo. O mito é uma forma de narrativa. Os mitos apresentam-se como possível explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos. Para quem vive o mito, ele é a única história verdadeira, proposta numa linguagem acessível à gênese do mundo, das coisas e do homem. Os mitos reproduzem ou repropõem gestos criadores e significativos, que permanecem sustentando a realidade constituída.

No princípio era o “*Mythos*”², palavra grega que significa mito, a mesma expressa “palavra”, narrativa, discurso ou conto. Já o *Lógos* Bartlett (2011), explica que é um termo para forma objetiva de descrevendo um evento, observando as regras específicas da lógica, levando ao pensamento racional, pragmático e científico que consente boa atuação do homem no mundo. O *Mythos* é o oposto ao *Lógos*, à razão, ou seja, uma forma objetiva e específica da lógica e ao discurso filosófico de natureza racional o qual era tido como verídico, contraposto às narrativas míticas, pilares de confirmação das sociedades chamadas arcaicas. Para Eliade (2000), o foco de todo mito é o começo das coisas, a sua origem.

Na concepção de Eliade (1957), o mito é um conjunto de histórias que encerram ideias, de cunho religioso e social, meditando as funções de figuras divinas, humanas ou animais, incorporadas numa contextualização recheada de acontecimentos e fenômenos surpreendentes e fantasmagóricos. Dessa forma, os mitos proviriam de experiências humanas coletivas, sem que seus produtores tivessem consciência da autoria deles, são proeminências das interpretações do mundo interior e das impressões do mundo exterior, transformadas em imagens que sintetizam sim, pois é uma forma de explicar o mundo por metáforas ou representações, contudo são expressões particulares das realidades.

Ainda nessa linha de ideias, Eliade (2000, p. 12) constata que “o mito é uma realidade cultural complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e

² BARTLETT, Sarah. **A Bíblia da mitologia: tudo o que você queria saber sobre mitologia**. São Paulo: Pensamento, 2011.

complementares; conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos”.

Observa-se que o tempo do mito é o tempo fabuloso, tempo remoto, mas sempre presente, e assim não sendo separado do nosso tempo, falando daquilo que se manifestou completamente, relevando as diversas e regularmente dramáticas eclosões do sagrado no mundo. O mito se conecta em um modelo esclarecedor, fixando-o e propiciando fundamentos para o mundo, bem como, orientando atividades humanas significativas à existência. Por fim, é ao mito que cabe conservar a verdadeira história, a história da condição humana, dizendo de realidades e do modo como elas passaram a existir. Os mitos³ são capazes de ser entendidos como representação de verdades profundas da mente humanas e as uniões delas em conjunto, conforme suas origens, formam as inúmeras mitologias que conhecemos. A compreensão humana destaca-se desde seu primórdio como estrutura do universo.

Para Holm e Bower (1997), os mitos são apanágios de todas as sociedades, dos humanos em produzir e criar situações lendárias e mitológicas. Conforme os mesmos autores, as abordagens são semelhantes, tratando como complexo, onde o mito histórico sofre modificações de acordo com as contradições religiosas dos povos, reconsiderando por vezes difícil solucionar se algo é mito ou se é história, se ocorreu simplesmente no plano de fantasia ou no mundo real. Indicando aos mais jovens que o mito vem através de uma narrativa de repetições de cerimônias, pretendendo ou explicando algo produzido que justifique a existência da sociedade, sua história, sua própria memória cultural, que é compreender a vida.

De acordo com Mendes e Santos (2019), o mito jamais será uma narrativa linear e simples, não pertence unicamente às sociedades arcaicas, conseqüentemente, ele pode se fazer presente por meio da memória e reatualizado mediante a História, de tal maneira que pode ser restaurado e vivenciado, de tempos em tempos, de geração em geração, autorizando o homem reconhecer dentro de si a sacralidade da criação. Contorna uma tradição sagrada, sopro primordial, modelo exemplar que supre referências para a postura humana, oferecendo significado e valor à existência. Como Brandão (1986, p. 36) afirma:

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se com uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as

³ Disponível em: < [http://files.clickescolanaweb.webnode.com/200000011-77e5278dd9/O_mito_na_sociedade_atual%20\(1\).pdf](http://files.clickescolanaweb.webnode.com/200000011-77e5278dd9/O_mito_na_sociedade_atual%20(1).pdf) . Acesso em: 15 abr. 2021.

interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. E, como afirma Ronald Barthes, o mito não pode, conseqüentemente, ser um objeto, um conceito ou uma idéia (*sic*): ele é um modo de significação, uma forma. Assim, não se há de definir o mito “pelo objeto de sua mensagem, mas pelo modo como a profere.

Nessa circunstância, a noção de inconsciente aproxima-se ainda mais da noção de mito por intermédio do conceito do significante e do simbólico. Suportaríamos então, perguntar se a estrutura do mito seria a de um significante, mexendo-se a partir de processos metafóricos e metonímicos, ficando nesse caso análoga à estruturação do inconsciente. Poderíamos analisar também se assim como o inconsciente é representado no mito este seria representado no inconsciente.

Em sua análise sobre o mito trazendo uma nova visão desse Universo plural, D’Onofrio (1997, p. 30-31) apresentou cinco concepções para caracterizar o mito, nos mostrando uma compreensão de refúgio de fantasia e imaginação e afirma que:

- [...] 1) o mito é a história fantástica dos atos de entes sobrenaturais (deuses, semideuses ou seres de ascendência divina);
 2) esta história é considerada, no momento de sua invenção pelo povo, verdadeira, porque se refere a realidade (a criação do mundo, do fogo etc.);
 3) a história mítica se relaciona sempre com uma criação, narrando como algo passou a existir ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar etc. foram estabelecidos; essa é a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos;
 4) o conhecimento do mito proporciona o conhecimento da origem das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e a manipulá-las à vontade; com efeito, não se trata de um conhecimento exterior, abstrato, mas de um conhecimento que é vivido ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação;
 5) de uma maneira ou de outra, vive-se o mito, no sentido de que se é impregnado do poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados; a diferença entre “mito” e “lenda” reside, a nosso ver, no fato de que o primeiro implica a crença: quando esta cessa de existir na alma do povo, o mito se torna lenda.

Isso mostra, por parte de D’Onofrio, uma abertura para o mito como uma forma de narrativa épica e instrumento de perfeição da educação vivencial e moral, tornando-se a expressão poderosa da esperança e do ideal e fornecendo um universo poético, um dado que cada um modela à sua particular verdade interior. O mito manifesta frente a situações limites para o homem. A força do imaginário coletivo é sua principal força, ele necessita da força da palavra, não é meramente a explicação em direção que se compreende, contudo, é o tranquilizante para o mundo que se apresenta assustador. O mito foi essencial e primeira maneira encontrada a favor do homem para explicar a realidade na qual se encontrava imerso.

Em síntese, a função inicial do mito é o fascínio do ser humano por um mundo complexo e, diversas vezes, assustador. Por meio da fé, as emoções levam a afetividade, concordando que a crença seja afetiva e que o mito permaneça e sobreviva às questões do tempo. Por diferentes palavras, “aprende-se não só como as coisas passaram a existir, mas também onde as encontrar e como fazê-las ressurgir quando elas desaparecem” (ELIADE, 2000, p. 19)

1.1 NAS VEREDAS DA MITOLOGIA

A mitologia grega, um exuberante e animado espelho da multifacetada natureza humana, aumentou significativamente com a integração gradativa dos antigos deuses e cultos pré-helênicos, associados aos ciclos agrícolas e de outros elementos saídos das cosmogonias orientais. A mitologia grega instruiu aspectos vinculados à natureza, que eram elementos transformadores nesse campo e deram origem a uma extensa série de entidades mitológicas, cuja dimensão foi determinante e significativa para o conhecimento do espírito dos povos mediterrânicos.

Para Eliade (1957), a primeira fonte escrita da Grécia, a *Iliada* de Homero contém a mais antiga literatura grega e está escrita numa linguagem rica, bela e sutil, implicando antes do seu aparecimento, o decurso de muitos séculos, durante os quais os homens se haviam esforçado por exprimir o seu pensamento com clareza e beleza. Como parte da reflexão, analisaremos a relação do mito com a explicação da realidade e de como ele une determinados grupos, os quais encontram no mito um ponto em comum. Deve-se entender a:

Linguagem do mito enquanto objeto de uma experiência numinosa (sagrada) arcaica. Esta experiência da linguagem está profunda e inextricavelmente ligada a uma certa concepção arcaica da linguagem, a uma certa concepção arcaica de tempo, a uma concepção arcaica de Ser e de Verdade (HESÍODO, 2001, p. 14).

O mito é para quem o vive, uma forma de realidade, é para o mundo inteligível que dele nasce, uma totalidade indefinível. Caracteriza o mundo em seus momentos primordiais, relata uma história sagrada; propõe modelos e paradigmas de comportamento; projeta o homem num tempo que precede o tempo, ou seja, esse homem planejado por esse decurso tem um ponto de partida no antigo que sempre será referido no homem do futuro; aponta história e os empreendimentos humanos num espaço indimensionável, esclarece os limites intransponíveis da consciência e das significações que instalam a existência humana no mundo.

Uma diferença intransponível separa o quadro de cores negras das belas histórias da mitologia clássica, ou seja, o mito jamais será uma garantia de bondade ou de moral, porém, indica os modelos e fornece uma significação ao Mundo e subsistência humana. Os mitos tais como os entendemos não só são frutos do poder criador de grandes poetas, mas também os textos considerados sagrados. Relacionando essas primeiras expressões sobre a mitologia nos questionamos sobre sua origem, Tomas Bulfinch apresenta algumas teorias:

1. Teoria Bíblica – De acordo com esta teoria, todas as lendas mitológicas têm sua origem nas narrativas das Escrituras, embora os fatos tenham sido distorcidos e alterados. [...]
2. Teoria Histórica- Por essa teoria, todas as personagens mencionadas na mitologia foram seres humanos reais e as lendas e tradições fabulosas a elas relativas são apenas acréscimos e embelezamentos, surgidos em épocas posteriores. [...]
3. Teoria Alegórica – Segundo essa teoria, todos os mitos da antiguidade eram alegóricos e símbolos, contendo alguma verdade moral, religiosa ou filosófica, ou algum fato histórico, sob a forma de alegoria, mas que, com o decorrer do tempo, passaram a ser entendidos literalmente. [...]
4. Teoria Física – Para esta teoria, os elementos ar, fogo e água foram originalmente, objeto de adoração religiosa, e as principais divindades eram personificações das forças da natureza. Foi fácil a transição personificação dos elementos para a idéia (*sic*) de seres sobrenaturais dirigindo e governando os diferentes objetos da natureza (BULFINCH, 2002, p. 352-354).

As teorias supracitadas, sucintamente, estrutura os principais aspectos de cada teoria, iniciando pela Teoria Bíblica, na qual os personagens bíblicos apropriam-se formas mitológicas e os fatos que contextualizam a formação desses mitos recebem formato de narrativas bíblica, como exemplo de Sansão que foi consagrado a Deus desde antes do seu nascimento. Seus pais fizeram um voto ao Senhor, chamado de voto Nazireu. Este voto consistia que aquele indivíduo consagraria completamente sua vida a Deus. Isso incluía não se contaminar com comidas consideradas impuras, não ter relacionamentos com pessoas de outras nações, não tocar em cadáveres, etc. Deus havia dotado Sansão com grande força, o que fez dele um homem muito temido. Mas esse poder fez dele alguém arrogante e com o tempo passou a ignorar o compromisso com Deus, descumprindo cada uma das orientações assumidas pelo voto de seus pais ao Senhor. Sua história termina, depois de sucessivos desvios e através de um relacionamento proibido com a filisteia Dalila, (os filisteus eram inimigos de Israel). Ela descobre que a força de Sansão tinha relação com o tamanho do cabelo, então Dalila, juntamente com os outros do seu povo armam uma emboscada, cortam o cabelo dele, cegam-no e humilham-no publicamente. Arrependido, Sansão ora a Deus para que lhe devolva a força

uma última vez. Deus atende seu desejo e Sansão derruba as colunas de uma grande construção que abrigava grande número de filisteus, levando todos à morte, inclusive o próprio Sansão.

Para a Teoria Histórica, todos os personagens apontados na mitologia derivam da realidade e existiram em algum instante da história agregando roupagem mística das lendas e fábulas de épocas anteriores. Já para a Teoria Alegórica, os mitos são motivados por sociedades arcaicas eram alegóricas e simbólicas, ou seja, proferem verdades morais, filosóficas, religiosas, sociais e históricas por meio de representações autênticas e literais. Por último suspiro teórico, Bulfinch (2002) explica as narrativas mitológicas através da Teoria Física, em que os elementos água, fogo e ar, inicialmente adorados de forma religiosa, e as principais divindades ancestrais das forças da natureza. Essa personificação transformou rituais ou manifestações naturais como maneiras de conectar com divindades onde se faziam presentes na vida humana.

Todas as teorias se tornam verdadeira até certo ponto, com isso poderia ser correto afirmar que a mitologia decorre de todas aquelas fontes articuladas, e não de uma só em particular. Acrescentamos que muitos mitos se originaram do desejo dos homens em decifrar fenômenos naturais onde os mesmos não os compreendem surgindo mais ânsias de questões abstratas, como a causa do sofrimento, da morte dentre outras e também levando a explicar origens de lugares e nomes de pessoas.

Os mitos tanto como os conhecimentos são frutos do poder criador de grandes poetas. No discorrer do prodígio grego, busca traduzir-se a ideia de que, com o acordar da Grécia, se vê ao nascimento do mundo outra vez. Os arcaicos poetas gregos deixam já transparecer o avivar de uma nova visão nunca antes sonhada no mundo e que, a começar desse momento, nunca mais o abandonaria. Com o aparecimento da Grécia, a humanidade transformou o centro do Universo, tendo-se dado uma revolução de pensamento. Para nós humanos do ocidente que até então pouco haviam contato e foi na Grécia que o homem tomou consciência, pela primeira vez, do que era a humanidade, do seu significado e da sua importância.

Para Grimal (1990), os gregos adaptaram os deuses à sua imagem, pois, antigamente, os deuses não possuíam quaisquer, semelhanças com os seres do mundo real, sendo diferentes de tudo o que existia de antemão devemos lembrar da cultura dos egípcios levando a semelhanças aos deuses. No mundo antigo, só na Grécia é que o homem se inquietou com o visível, com aparência e tudo o que efetivamente existia no mundo que os rodeava e os satisfazia plenamente. Assim, o homem era a realização da sua busca de beleza.

Para Wattel (2003), os deuses humanizados produziram do céu um local simpaticamente familiar, pois para os gregos era o mesmo que estar em suas próprias casas, permanecendo a

par de tudo o que os divinos habitantes faziam, comiam, bebiam, onde se banqueteariam e como se alegravam. Segundo o mesmo autor, os deuses eram temidos, pois eram muitos poderosos e audaciosos quando irados e apesar de todas as preocupações, na verdade os mesmos possuíam as mesmas semelhanças como os seres humanos de sentimentos de raiva, ciúmes por isso o homem devia saber lidar com eles, tendo até a liberdade de os ironizar.

A mitologia grega é um marco significativo na evolução do pensamento da época e ainda um meio fundamental para a compreensão da mentalidade no mundo helénico, definida por uma ordem, uma fonte de inspiração para um mundo mais civilizado. Por meio da mitologia antiga podemos sentir história, a história daqueles tempos e a história dos deuses, dos heróis e dos homens, que estão interligados pelo inconsciente imaginário. Na concepção dos homens, esse imaginário ou fantasioso foi construindo para o mundo divino onde os gregos povoaram o céu e a terra, os mares e os mundos subterrâneos de divindades, ao mesmo tempo que criaram uma categoria intermediária para os semideuses e para os heróis. Para termos uma noção, um deus grego era caracterizado por possuir uma aparência de homem, porém um homem perfeito, ou seja, provido de todas as capacidades humanas com um poder divino, mas sem saber os humanos que os mesmos eram cometidos de defeitos iguais aos humanos. Esse ponto de vista grego dos deuses influenciou muito toda sociedade. Como os gregos temiam os castigos que provinham dos deuses, castigos que, às vezes não afetavam apenas um único indivíduo, mas conseguiriam atingir até mesmo toda a comunidade. A fim de manter a ordem dentro da sociedade, as regras e os ritos eram utilizados para manifestar o respeito para com as divindades e eram rígidos e deveriam ser constantemente seguidas fielmente. Tudo dentro da sociedade grega era sagrado, os mesmos tinham deuses para tudo: deusa do amor, deus da guerra, deus do submundo etc. por esse motivo o vínculo estreito entre os homens e os deuses. Isso no período em que somente o discurso oral do mito prevalecia.

Contemporâneo, Hesíodo (séc. VIII a.C.), irá sistematizar a vida dos deuses. Na obra *Teogonia*, Hesíodo canta a história dos deuses da Grécia: iniciando pelo o caos, logo após a terra, ter-sei-ia seguido o Tártaro ou o abismo e finalmente, o Eros ou o amor. O mesmo pretende contar a origem, ou dito de outro modo, nomear os antepassados por norma (arte, ou seja, utilizada pelas famílias gregas mais importantes, descrevendo e narrado as gerações dos deuses. Antes de iniciar a síntese final sobre a função do mito na sociedade grega, exploremos a analisaremos brevemente o *Mito de Prometeu*, do qual é o primeiro mito que possui uma referência escrita. O mito foi escrito por Hesíodo (século VIII a.C.) onde presente em duas obras suas na *Teogonia* e em *Os Trabalhos e os Dias*. Eis o mito:

Condenados, desde o seu nascimento, aos tormentos e aos cuidados, os primeiros homens não tinham, para nutrir-se, senão frutas cruas e carnes sangrentas. [...]. Tomado de piedade por sua miséria, Prometeu, para colocar os homens em situação de viver melhor, de defender-se com armas eficazes contra as feras, de cultivar com instrumentos adequados a nutrientes Terra, resolveu dar-lhes o fogo e ensinar-lhes, com a arte de trabalhar os metais, os meios de escapar à sua deplorável e lamentável sorte. [...]. Aproximando-se das forjas abrasadoras de Hefestos, roubou uma centelha do fogo que fundia os metais [...] e levou-a, como o fogo, a felicidade de viver melhor, de comer um alimento menos selvagem, de aquecer-se, de receber a luz. Mas, em sua alegria imoderada, ela julgou-se igual aos poderes divinos, esquecendo seus deveres para com os mesmos. Zeus, então, que não quer que os homens saiam dos justos limites, colocando seus desejos mais altos que seus destinos, resolveu castigar aquele cujo roubo havia ocasionado esta presunção sacrílega. Transportou Prometeu para o mais alto cume do Cáucaso e mandou Hefestos pregar o Titã a um rochedo escarpado. Contra a vontade, o divino ferreiro obedeceu. [...]. Para cúmulo do infortúnio, todas as manhãs, uma águia de asas abertas ia pastar em seu fígado mortal, e esse monstro de garras recurvas devorava, durante o dia, tudo quanto, à noite, aí podia renascer. Esse suplício deveria durar mil anos, mas, ao fim de trinta anos, Zeus apaziguado, perdoou o culpado, consentindo então em introduzi-lo entre os Bem-aventurados (MEUNIER, 1961, p. 80-81).

No mito de Prometeu vive, de um lado, o homem, o qual atua no mundo, e do outro, os deuses que punem ou recompensam. No mito o homem é caracterizado como previdente/sutil e ao mesmo tempo irreflexivo/estúpido. Os deuses e os homens estão desmembrados. Este último recorre ao primeiro para tentar explicar o seu mundo. Essa separação começa justamente com o mito prometeico.

No Mito de Prometeu estão correlacionados aos vários âmbitos da sociedade grega: o fogo (como significando o roubado); a mulher e o casamento (que implica o nascimento e a morte); a agricultura de cereais e o trabalho. Incorporado à sociedade grega, esses aspectos sociais servem como um quadro de referência para a definição do homem, o qual é diferente dos animais e dos deuses, ou seja, todos os traços que o Mito de Prometeu retém para diferenciar os homens e os deuses, também podem ser usados para fazer a diferenciação entre homens e animais. A percepção de mito que temos é uma herança de nossa cultura ocidental. O mito nos é representado como aquilo que não é. O mesmo se opõe ao real, por um lado, e ao racional, por outro. Cada mito tem um estatuto social e intelectual, todo mito tem sua linguagem e seu pensamento próprio.

Em síntese, o universo da mitologia grega nunca manifesta pavor para o espírito humano. Porém os deuses eram desconcertantes, mas viviam como homens, alimentavam-se de ambrósia e não de pão, bebiam néctar e não vinho e dialogava entre língua especial, porém no interior os deuses comportavam-se como humanos, com seus vícios, suas fraquezas, mas

também com suas grandezas e peculiaridades. Os ancestrais gregos fizeram de um mundo de medos e apreensões um outro mundo em que a formosura e a ordem reinavam em toda a sua perfeição. Entretanto, este quando magnificente tem por vezes algumas manchas negras, dado que os deuses não se interessavam de tomar atitudes e cometer ações impensáveis para os seres humanos.

1.2 ASCENDÊNCIA DA LITERATURA LATINA

Para que serve o Latim? Essa é uma interrogação feita pela maioria das pessoas que veem este idioma apenas como língua da Igreja Católica, por causa da ênfase dada pelos livros didáticos. Diferente do que muitos pensam, a língua latina não se delimita ao universo cristão. Está viva, sendo utilizada por falantes do português, o qual se originou do latim vulgar, a partir do Lácio até a contemporaneidade, é uma forma de enriquecer o conhecimento, pois, qualquer língua é uma fonte rica de aspectos culturais e históricos.

Independentemente de não ser o idioma de nenhuma nacionalidade, o latim sobrevive até os dias atuais graça às línguas românticas (português, espanhol, francês, italiano, romeno *etc.*). Estas seriam, como diria Caetano Veloso, uma espécie de “latim em pó”. Deste modo, o idioma latino quando estudado, informa não só o português e suas línguas irmãs como também a formação cultural da civilização latina. Como aponta Faraco (1998, p. 27):

Nenhuma sociedade fala hoje o latim propriamente dito. Contudo, de certa maneira, ele continua sendo falado, embora de forma bastante alterada, pelas sociedades que falam as chamadas línguas românticas como o português, espanhol, o francês, o italiano, o romeno.

Tanto a língua portuguesa como outras línguas românticas procederam-se do latim vulgar, o latim falado pelas mais diversas camadas sociais da antiga Roma. E mesmo que nenhuma sociedade o tenha como língua comum, o latim não está morto, pois manteve seu fluxo histórico. Apenas acontecem mudanças, principalmente na forma das palavras, como no caso da palavra *clamare*, a qual no português passou a ser grafada como *chamar*.

No início, o latim era falado no Lácio (*latium*), região da Itália central. Depois acabou se espelhando pelo vasto Império Romano, tornando-se a língua oficial de vários povos conquistados. O latim literário teve grandes representantes como Cícero, Virgílio e Horácio, e outros escritores, poetas e oradores. É neste manancial linguístico que se encontram guardadas as heranças dos antigos romanos. Bem como, seu legado literário deixado para humanidade.

Segundo Oliveira (2001, p. 11), com o processo de romanização e latinização, o latim se caracterizava como vários latins, especialmente porque ele se “disseminou através dos colonizadores romanos em vários séculos sucessivos”, corroborando para que cada região recebesse um latim heterogêneo, resultando, finalmente, na variedade das línguas latinas. Contudo, salienta Leite de Vasconcelos e, na mesma linha de pensamento, Meillet, Max Mueller, Gabelentz, Bourciez, Gaston Paris, entre outros, a língua latina, tal como qualquer língua, não é um organismo vivo e, por essa razão, não pode morrer, diferentemente como os cientistas dos séculos XVIII e XIX, influenciados pela teoria de Darwin, acreditavam. Desse modo:

Uma língua não é morta, porque, não tendo vida, não poderia morrer. Dizer também que, dentro do conceito de língua viva, língua morta para o latim é outro absurdo, pois as línguas latinas são a continuação do latim. [...]. Afirmar, portanto, que o português veio do latim, assim como as demais línguas latinas, é de certo modo incorreto. Na verdade, essas línguas são o latim atual (OLIVEIRA, 2001, p. 11).

Acredita-se que o latim das grandes pesquisas científicas, dos tratados filosóficos, e vigente em documentos oficiais é inexistente em falas, com isso não ficou preso nesses documentos históricos. Ele perpassou os séculos recebendo modificações, logo, sendo estudado por tradutores e filólogos. Faz-se necessário, por isso, observá-lo, pois, compreender questões econômicas, políticas e culturais contemporâneas merece notar nossos ancestrais e seus registros.

No tópico seguinte, iremos analisar ações mitológicas e a influência da língua latina no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), para isso, situaremos com um resumo da autora e do livro, assim, percebendo e entendendo melhor a análise que virá mais à frente nos próximos capítulos.

2 RESUMO DO LIVRO: HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

2.1 O PERCURSO DA AUTORA

Joanne Rowling nasceu em Yate, na Inglaterra, no ano de 1965. Filha de um engenheiro e uma técnica de laboratório, *Rowling* diz ter grande interesse em literatura desde a sua infância, tanto que aos 6 anos de idade escreveu o seu primeiro livro, *Rabbit*. Em meados dos anos 1980, ela frequenta a Universidade Exeter onde se gradua em Francês e Línguas Clássicas.⁴

Rowling relata no documentário *Harry Potter and me*⁵ que tem a ideia preliminar da história de Harry Potter durante uma viagem de trem no ano de 1990. No mesmo ano, ela perde sua mãe, vítima de esclerose múltipla. Passa um período em Portugal, ministrando aulas de inglês, quando se casa e tem uma filha.

Comercializar o primeiro volume da série *Harry Potter* tornara-se difícil, segundo Little pelo motivo de ser um livro infantil grande e que trata de assuntos delicados como colégios internos (PATTINSON, 2002). Enfim, em 1996, a *Bloomsbury*, uma editora “pequena, mas bem formada, e mais conhecida por ficção adulta de qualidade do que por literatura infantil” decide publicar o primeiro livro de *Rowling*, lhe oferecendo um adiantamento de 1500 libras (BROWN, 2006, p. 53). O agente literário, Christopher Little, e o gerente do selo infantil da *Bloomsbury*, Barry Cunningham solicitam que *Rowling* adote suas iniciais no lugar do nome *Joanne* para que crianças leitoras não fiquem desencorajados a ler um livro escrito por mulher. A mesma decide adotar as letras J K, utilizando, além da própria, a inicial de sua avó paterna *Kathlen Rowling*, como se fosse de seu segundo nome. Na oportunidade, Cunningham dá a *Rowling* outro conselho; de que mantenha um emprego, pois autores de livros infantis não fazem dinheiro.

A primeira edição de *Harry Potter and the Philosopher's stone (1/7)*, lançada em junho de 1997 é de 1.000 exemplares, metade dos quais tem como destino bibliotecas. O livro faz grandioso sucesso no Reino Unido desde seu lançamento, e ganha com apenas cinco meses de prateleira o *Smarties Gold Prize* da Nestlé, dedicado a livros para crianças de 9 a 11 anos de idade.

⁴ Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsias_envolvendo_Harry_Potter. Acesso em: 01 out. 2020.

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SrJiAG8GmnQ>. Acesso em: 01 out. 2020.

No ano seguinte, a editora americana Scholastic compra os direitos do livro em um leilão por 105 mil dólares. Fica acordado na época que as edições britânicas têm de ser adaptadas ao inglês americano, para garantir maior aceitação do público estadunidense. No caso do primeiro livro da série, até mesmo o título é alterado para *Harry Potter and the Sorcerer's stone* (1/7)⁶.

Desde o lançamento do seu primeiro livro nos Estados Unidos, Rowling com sua obra começam a ser cada vez mais conhecidos internacionalmente. Em 2000, a série já é publicada em 63 idiomas⁷. Neste ano, os lançamentos dos livros da série passam a ser simultâneos nas diferentes editoras na língua inglesa, de forma que fãs de Harry Potter de todo o mundo têm acesso aos livros da *Bloomsbury e Scholastic* no mesmo dia (BROWN, 2006). Além disso, a Scholastic lança os livros com meses de defasagem. As traduções possuem datas de lançamento variadas dependendo de editora/país. No Brasil, a Rocco costuma lançar a tradução brasileira de Harry Potter quatro a cinco meses depois do lançamento internacional do livro no idioma original.

2.2 RESUMO DO LIVRO: HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

2.2.1 Capítulo 1: O menino que sobreviveu

No início da história, percebemos como aconteceu a chegada do pequeno Harry à casa de seus severos tios, Sr. e Sra. Dursley. O primeiro capítulo intitulado: O garoto que sobreviveu; faz reflexão ao feito que naquela noite uma criança que não falava e nem andava tinha destruído o maior bruxo das trevas que existira e que causava terror à comunidade bruxa. O “você-sabe-quem”, o Voldemort, e que o pequeno garoto seria famoso e todos iriam conhecê-lo no mundo dos bruxos.

Percebemos na construção desse primeiro capítulo a conexão de 3 personagens que serão de extrema importância para Harry Potter. A Professora Minerva, Alvo Dumbledore e Hagrid. Essa tríade que sensivelmente levou o pequeno garoto a rua dos Alfeneiros. Para, após a morte de seus pais, ser cuidado pelos seus tios resguardados das incertezas que seguiriam os

⁶ Harry Potter e a Pedra Filosofal.

⁷ Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsias_envolvendo_Harry_Potter. Acesso em: 01 out. 2020.

próximos anos de adaptação da comunidade bruxa. Para construir o sentido do leitor vamos percebendo também nesse capítulo as referências de magia na cidade, como: homens de capas, gatos com aspectos estranhos e o aparecimento de corujas.

2.2.2 Capítulo 2: O vidro que sumiu

Há dez anos do ocorrido, Harry Potter quando pequeno foi deixado para seus tios cuidarem dele, mais precisamente, há dez longos anos que o garoto sofria nas mãos de seu primo Duda, que ajudava os tios a maltratá-lo. Harry não possuía privilégio nenhum na casa de seus tios. Percebemos pelo local onde o mesmo: dorme, em um armário sobre as escadas, local descrito no livro com sujo, frio e escuro.

Nesse segundo capítulo conta-se sobre o dia do aniversário de Duda, no qual a Sra. Figg não poderia ficar com Harry para que a família Dursley saísse para comemorar o aniversário do filho. Duda era um garoto muito mimado, choramingava para conseguir o que desejava e gostava sempre de bater no pequeno Harry. O capítulo nos leva a perceber reflexos do primeiro, pois Harry sonha com motocicletas que voavam. O garoto começava a perceber situações estranhas que não compreendia, como o seu cabelo crescer rapidamente à noite, mesmo tendo sido cortado ao dia. Como a Sra. Figg não podia ficar com o pobre Harry, resolveram levá-lo ao zoológico.

Sempre sendo tratado de maneira desprezível o mesmo ficava quieto, como se não estivesse lá. Nunca tinha saído e queria aproveitar o passeio, mas no alojamento dos répteis o inesperado acontece: Harry, por instantes, se pega conversando com uma cobra criada em cativeiro. Quando seu primo Duda percebe que a cobra está se movendo, corre e acerta Harry com um soco, que cai. O vidro que continha a cobra some e a mesma sai e Harry acredita que escutou a cobra agradecê-lo.

2.2.3 Capítulo 3: As cartas de ninguém

Após o episódio com a cobra o pobre Harry ficou de castigo, mas saiu nas férias de verão e, como sempre, fugia de Duda e seus amigos para não ser agredido pelos mesmos. Harry estava feliz, ia estudar em uma escola onde não haveria a presença de seu primo. Em uma

manhã, quando foi posto para pegar a correspondência Harry viu uma carta endereçada para ele. Seus tios não deixaram a carta ser lida, mas durante os outros dias da semana várias outras cartas chegaram para ele. Seu tio Valter estava sempre em sua frente para destruir as tais cartas onde ninguém poderia ler as mesmas.

Quando domingo chegou, acontece o inacreditável: inúmeras cartas desceram pela chaminé do fogão, seu tio Valter furioso resolve viajar com toda a família. Em um percurso fora da linha de direção, seu tio chegou em um estranho hotel onde passaram a noite, mas no dia seguinte a proprietária do hotel foi à procura de Harry, pois haviam 100 cartas para o mesmo. Valter, furioso, foi resolver o problema e colocou todos no carro, trancou a família e saiu à procura de algo. Duda informou ou indagou que seu pai estava louco e sua mãe, Petúnia, confirmou. Harry pensava em quem seria a pessoa que queria contatá-lo, mal pensava que no dia seguinte seria seu aniversário de 11 anos. Tio Valter chegou feliz e levou todos para um casebre no meio do mar, quando uma tempestade estava próxima de acontecer. Enfim meia noite, Harry estava feliz pelos seus 11 anos recém completados, quando um barulho estremeceu o casebre.

2.2.4 Capítulo 4: O guardião das chaves

O barulho que acordou a todos no casebre foi a chegada de Hagrid um gigante, que amedrontou em especial aos Dursley. Hagrid apresentou Harry com um bolo com letras verdes escritas: “Feliz Aniversário”. Harry, nervoso, queria agradecer, mas perguntou quem ele era e Hagrid apresentou-se como o Guardião das terras de Hogwarts.

Harry foi questionado pelo grandão sobre seu conhecimento da existência da magia e ele respondeu que não sabia de nada. Após esse breve diálogo acontecia uma discussão calorosa entre Hagrid e os Dursley sobre as mentiras contadas ao garoto, como a morte de seus pais. No silêncio do casebre Hagrid gritou que Harry era um bruxo e entregou a carta que o garoto estava sonhando em ler e na mesma confirmou uma vaga para estudar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Harry questionou se era possível ser um bruxo, pois julgava-se ser muito simples, e Hagrid contou a verdade de como seus pais faleceram e que o menino era famoso, pelo fato de ter destruído Voldemort. Os Dursley tentaram impor uma decisão negativa, mas Hagrid voltou a confirmar que Harry possuía uma vaga desde seu nascimento.

2.2.5 Capítulo 5: O Beco Diagonal

No dia seguinte Harry despertou, mas manteve os olhos fechados para que seu sonho de ser um bruxo continuasse sendo verdade. Com o barulho de uma coruja ele abriu os olhos e viu que Hagrid continuava lá, alegrou-se. Foram a Londres, e a primeira parada foi Gringotes: o Banco dos Bruxos, onde os pais do menino deixaram muito dinheiro e que nem mesmo os Dursley sabiam da existência. Sem o uso da magia para transitar em Londres Hagrid chamava atenção das pessoas, enquanto Harry tinha várias perguntas para o grandão. Adentrando em um trem, Harry vai lendo a lista do material escolar, com objetos, vestimentas e livros e questionando Hagrid onde poderiam comprar tudo. Hagrid o levou até o Caldeirão Furado, passando a impressão de que só eles podiam ver o local. Famoso e reconhecido por todos do bar, Harry sentiu-se estranho e nesse momento conheceu o Professor Quirrell, que ensinava Artes das Trevas em Hogwarts, este que estava todo nervoso ao ver o pequeno Harry.

Chegaram a uma parede que se abriu com Hagrid batendo o guarda-chuva. Hagrid apresentou o novo local como Beco Diagonal, onde iriam comprar tudo o que garoto precisava para a escola. Antes foram ao banco e chegando a Gringotes, o famoso banco dos bruxos, Harry e Hagrid foram falar com um duende que os levou para 2 cofres: o 713, onde Hagrid fez segredo sobre o que iria pegar e o segundo cofre que era da família Potter. Saindo do Banco, foram às compras do material escolar de Harry, e o último item deveria ser comprado no Olivaras.

Chegando à loja o Sr. Olivaras disse que já esperava por Harry, com isso foram escolher a varinha e passaram por muitas até que encontraram uma que possuía em sua composição pena de fênix, desta que saiu fagulhas vermelhas. O Sr. Olivaras ficou feliz e se dizia muito curioso pelo fato da varinha irmã que escolheu Harry ser a responsável pela morte dos pais do garoto e que ele estava prometido a coisas extraordinárias. Harry, pensativo, voltou com Hagrid e indagava a si mesmo o porquê de ser tão conhecido se nem mesmo sabia da existência da magia; Harry o tranquilizou dizendo que ele iria aprender tudo em Hogwarts.

2.2.6 Capítulo 6: O embarque na plataforma nove meia

A convivência com os Dursley estava estranha, Duda tinha medo de Harry e seus tios nem lhe dirigiam a palavra. O garoto passava boa parte do dia no seu quarto, lendo livros da escola nova. Nomeou de Edwiges a coruja que ganhou de Hagrid no dia da compra de seus materiais e contava os dias para a chegada de setembro. Chegando o último dia de agosto foi

pedir a seu tio Valter uma carona até a estação de trem para embarcar na plataforma nove e meia, seu tio sorriu e chamou todos os bruxos de loucos pela, em sua visão, inexistência da plataforma.

No dia seguinte, um Harry nervoso levantou cedo para sua partida a Hogwarts. Seus tios o levaram até a estação de trem de Londres e seu tio sorriu ironicamente quando chegaram à plataforma nove e dez e foi embora com sua família. Harry ficou desesperado por não achar a tal plataforma, quando ouviu uma mulher gorda balbuciar algo sobre “trouxas”, alegrou-se novamente e seguiu a mulher que conduzia uma menina e quatro meninos, todos com cabelos ruivos, consigo. Seu primeiro filho atravessou uma parede e desapareceu, Harry assustou-se e em um ato de coragem falou com a mulher, ela muito carinhosa sorriu e comentou que seu filho chamado Rony também iria para Hogwarts pela primeira vez. Harry atravessou a parede e se surpreendeu ao ver encontrar a plataforma que procurava e nela havia uma grande locomotiva vermelha e no alto um letreiro que informava que o expresso para Hogwarts partiria às onze horas.

O pequeno garoto acomodou com muita dificuldade sua coruja com a ajuda de Rony e seus irmãos no espaço final da locomotiva. Entrou e sentou-se em uma cabine sozinho, quando Rony apareceu e o indagou se poderia se juntar a ele, Harry respondeu com a cabeça que sim. Conversaram sobre sua cicatriz em forma de raio na testa e Harry lhe falou que tinha vergonha de ser famoso e não sabia nada sobre magia. Um garoto chamado Neville apareceu procurando um sapo e logo em seguida uma garota de nome Hermione que conhecia Harry melhor que ele mesmo. A menina inteligente pressionou os garotos acerca das vestes, pois estavam chegando à famosa escola. O trem parou e Harry escutou a voz de Hagrid, que sinalizava para os alunos do primeiro ano até os barcos. Quando as crianças avistaram o castelo um “Oh!” foi exclamado.

2.2.7 Capítulo 7: O Chapéu Seletor

Chegando em Hogwarts foram apresentados à Professora Minerva, que os encaminhou para o salão enquanto informava sobre a seleção, que era um evento muito importante, pois seriam selecionados para suas casas, onde dormiriam e passariam o tempo livre, estas que eram: Sonserina, Grifinória, Corvinal e Lufa-Lufa. Também contou sobre os pontos que as casas faziam durante o ano letivo e a casa que obtivesse maior número de pontos ganharia a Taça das Casas. Minerva saiu, deixando todos os alunos apreensivos de como seria a tal seleção. Enquanto esperavam a escola começou a mostrar seus traços mágicos, cerca de vinte fantasmas

surgiram deixando Harry nervoso acerca de como faria magia com seu escasso conhecimento sobre o assunto.

A Professora Minerva voltou e as crianças foram enfileiradas para dentro do salão principal. Foi colocado um banco com um chapéu em cima, para a surpresa dos alunos novatos o chapéu começou a proferir versos sobre ele e as casas de Hogwarts dando início à seleção. Alguns foram para Lufa-Lufa, outros para Sonserina e outros para Corvinal. Com a chegada da vez de Harry, este que em conversa com o chapéu, pedia para ir a Grifinória, surpreendeu-se em ter seu pedido atendido ao que Grifinória foi gritado em alto e bom som. O garoto dirigiu-se à mesa de sua casa e juntou-se a Rony e Hermione, que foram selecionados para a mesma casa. Harry em conversa com Percy, capitão do time de Quadribol, soube que o homem que falava com Professor Quirrell era Snape, quando inesperadamente sua cicatriz doeu. O mesmo perdeu sua linha de pensamento quando em sua frente surgiram misteriosamente vários pratos com tipos de comidas diferentes. Acabando o banquete foram conduzidos para seus dormitórios enquanto conheciam mais da grandiosa estrutura do castelo. Muito cansado e feliz trocou-se e adormeceu.

2.2.8 Capítulo 8: O mestre das poções

No primeiro dia de aula em Hogwarts, Harry era observado por todos, os corredores ficaram cheios para ver o pobre garoto envergonhado passar. Ele conheceu todos os professores da escola e as disciplinas em que eram responsáveis. Percebeu que a Professora Minerva era realmente diferente e exigente. Todos estavam ansiosos para a aula de Defesa contra as Artes das Trevas, lecionada pelo Professor Quirrell, que foi um fracasso. Harry e Rony conseguiram com esforço encontrar o salão principal no dia seguinte e tomaram café.

O correio chegou, Harry nunca havia recebido nenhuma carta, mas dessa vez foi diferente. Edwige deixou um papel com letras garranchosas, um bilhete de Hagrid convidando-o para uma xícara de chá na sexta à tarde, Harry respondeu que iria, pois era uma boa notícia após a aula de Poções com o Professor Snape que o odiava.

Na aula de Poções, Snape durante a chamada debochou da fama ao chamar o nome de Harry e logo após lhe fez três perguntas diferentes e difíceis para o garoto que não sabia nem sobre si mesmo, tampouco como ser bruxo. Com respostas erradas, Snape retira dois pontos da Grifinória. Harry saiu da sala triste e se perguntando o porquê do ódio daquele professor.

Faltando cinco para as três, Harry e Rony foram à casa de Hagrid e entre uma conversa e outra, uma xícara de chá e vários biscoitos, Harry achou um jornal com uma manchete de

roubo no Banco Gringotes. Aquilo o deixou pensativo, pois o assalto aconteceu no dia de seu aniversário. o recorte do jornal dizia que o cofre havia sido esvaziado mais cedo no dia 31 de julho.

2.2.9 Capítulo 9: O duelo da meia noite

O conhecimento sobre diversos assuntos na Escola de Hogwarts levava Harry a gostar cada dia mais, no entanto Harry odiava ver Draco Malfoy, um garoto da Sonserina. Um aviso sobre a aula de voo animou a todos, mas desanimou Harry que soube que seria com a Sonserina e que infelizmente teria que ver Draco. Na aula, Neville caiu da vassoura e quebrou o braço, o garoto foi levado à enfermaria pela Professora Hoceoh. Draco levantou voo na ausência da professora com um objeto que pertencia à Neville, e Harry em defesa do amigo subiu em sua vassoura e foi atrás do garoto que odiava, mas foi pego pela Professora Minerva. Harry ficou temeroso com a palavra “expulsão” passando na sua mente, mas foi surpreendido por Minerva que o transformou no mais novo apanhador do ano. Aliás do século.

Draco, bravo, convidou Harry para um duelo e Rony respondeu por Harry. Ele iria sim! As onze e poucos minutos, antes da meia noite saíram da Sala Comunal e foram interrompidos por Hermione que tentou impedi-los, mas sem êxito e trancada por fora da sala se juntou aos garotos. No caminho encontraram também Neville no chão dormindo, porque tinha esquecido a senha para entrar no dormitório. Draco não apareceu, porém mandou Filch e Madame Norrra para pegá-los fora da cama e expulsá-los da escola, com o susto entraram na Sala Proibida, avistaram um cão de três cabeças sem tamanho, ou seja, enorme. Saíram em disparada daquela sala e voltaram para a Sala Comunal, assustados e vermelhos, pensando no enorme cão. Enquanto falavam do enorme animal, Hermione lembrou que este estava acima de um alçapão. Todos se indagaram o que o cão estava guardando, levando Harry a pensar no pequeno embrulho que Hagrid retirou do banco.

3.2.10 Capítulo 10: O Dia das Bruxas

No dia de conhecer como funcionava o Quadribol, Harry e Rony estavam à mesa para o café da manhã quando as corujas do correio chegaram no Salão Principal. Harry já estava acostumado a não receber nada, mas dessa vez foi diferente. Duas corujas carregavam um enorme pacote, uma vassoura, a famosa Nimbus 2000, a mais veloz que se possa imaginar foi

enviada pela Professora Minerva. Saindo às pressas para abrir seu embrulho no quarto esbarraram em Draco, que apalpou o pacote com raiva e inveja nos olhos, Harry e Rony com um sorriso de deboche no rosto acabaram com o grotesco garoto.

Às sete da noite Harry foi conhecer as regras do Quadribol e treinar para sua função de apanhador, que consistia em pegar o Pomo de Ouro, e o garoto Harry Potter nem perceberam a noite chegar. Foram ao jantar do Dia das Bruxas e escutaram seus amigos falando que Hermione estava trancada dentro do banheiro feminino, após ouvir de Rony que era insuportável, mas as belezas da ornamentação e das comidas levou-os a esquecer a magoada colega por instante.

De repente, o Professor Quirrell adentrou o salão, gritando para todos que havia um trasgo solto, os alunos enlouqueceram e foram levados aos dormitórios. Harry lembrou de Hermione, chamou Rony e foram à procura da colega para avisá-la sobre o monstro. Encontraram o trasgo no caminho, este que desviou para outra sala, onde foi trancado, deixando os garotos aliviados por um tempo, até que ouviram o grito de Hermione, percebendo assim que trancaram a garota com o trasgo e foram salvá-la. Após uma quase morte, conseguiram neutralizar o monstro com um feitiço de levitação, fazendo o bastão do trasgo acertar sua cabeça e desmaiar. Os professores chegaram ao banheiro, a Professora Minerva, furiosa, olhava para os alunos da sua casa e inesperadamente Hermione disse que ela havia sido a culpada, que tinha ido à procura do trasgo e foi salva pelos garotos. A professora ficou chateada e retirou cinco pontos da Grifinória e atribuiu cinco pontos a Harry e Rony pela coragem de terem enfrentado o trasgo. Voltando às torres de sua casa, os alunos ainda comemoravam o Dia das Bruxas, receberam um obrigado de Hermione, assim selando uma grande amizade.

3.2.11 Capítulo 11: Quadribol

Chegando o mês de novembro junto ao frio da estação, Harry estava nervoso para sua estreia no seu primeiro jogo de Quadribol. Grande sorte para Harry e Rony terem Hermione como amiga, pois a mesma ajudava nas atividades escolares quando os treinos ficavam cada vez mais intensos. O trio estavam na quadra quando Snape apareceu e como sempre, com raiva de Harry levou o livro que estava com o garoto afirmando que não se pode andar com os livros da biblioteca, Furioso, Harry decide pedir seu livro de volta para Snape na sala dos professores, onde não seria criticado pelo terrível professor. Entrou na sala e viu o arranhão na perna de

Snape e observou que ele mancava. O garoto saiu correndo para falar com seus amigos, o trio pensava que o professor tentou passar pelo cão de três cabeças.

Harry estava muito nervoso e precisava dormir para sua partida do dia seguinte, nem essa história de Snape tirou seu nervosismo da partida. Ainda pensaram no porquê do professor está no alçapão que era protegido a sete chaves por Dumbledore, o diretor da escola.

Na manhã seguinte, Harry estava nervoso e animado, Hermione tentou fazê-lo comer, mas o mesmo recusou-se. O jogo Sonserina contra Grifinória iniciou-se e pontos iam e vinham, junto com os balaços nos jogadores, tudo estava tranquilo até o pomo aparecer. O garoto foi interrompido por um jogador do time adversário o fazendo perder a chance de pegá-lo. De repente sua vassoura parecia ter vida própria, havia sido azarada e tentava derrubar o garoto. Hermione pegou os binóculos e identificou Snape com o olhar vidrado em Harry enquanto balbuciava algo. A mesma se dirigiu até onde o professor se encontrava e na pressa esbarrou no Professor Quirrel. Sem Snape ver, a garota ateou fogo em sua capa levando-o a parar o que estava fazendo. Com isso, Harry conseguiu controlar sua vassoura e voou veloz em direção ao chão, com a expressão de quem iria vomitar e quando levou a mão à boca retirou o Pomo de Ouro. A Grifinória ganhou e o jogo acabou.

Harry, Hermione e Rony foram à casa de Hagrid para tomar uma xícara de chá e a garota afirmou com certeza que era Snape que estava azarando a vassoura de Harry e comentaram sobre o ocorrido com o cão de três cabeças, que Hagrid chamou de carinhoso e fofo, dizendo ser seu, mas havia emprestado a Dumbledore. Os garotos a Hagrid que Snape queria o que o cão estava guardando, e o grandão achou essa ideia uma bobagem e avisou que os três não deveriam se meter nesse assunto grande e perigoso, um assunto que só envolvia Dumbledore e Nicolau Flamel.

3.2.12 Capítulo 12: O espelho de Ojesed

O natal estava próximo e o frio cada vez maior, e o pior, tomava conta da escola. Na aula de Poções, Draco tentava irritar Harry porque estava irritado por sua fama no jogo. Sem nenhuma chance de irritar Harry, Draco calou-se. A aula acabou e foram ao Salão Principal, onde a passagem foi interrompida por uma árvore gigante que Hagrid trouxe para a ornamentação de natal. Houve discórdia entre Draco e Rony, porque Malfoy havia provocado a família Wesley, mas Snape apareceu, acabou com a briga e retirou cinco pontos da Grifinória. Junto a Hagrid os meninos foram ver o salão que estava sendo enfeitado, até que Hermione

apareceu para levá-los para a biblioteca. Hagrid questionou do porquê iriam estudar em plenas férias e Harry explicou que estavam pesquisando sobre Nicolau Flamel, mas Hagrid ficou furioso e repetiu que eles não deveriam se meter nesse assunto. Os três saíram e não ligaram para o aviso do grandão.

Chegando à biblioteca vasculharam todos os possíveis livros e não conseguiram encontrar em nenhum o nome Flamel. Hermione lembrou que havia visto esse nome em um livro para se distrair. Harry foi então até a sala reservada, porém foi expulso pela Madame Pince, pois só alunos com autorização poderiam entrar lá e com nenhum livro achado e muito menos com o nome Flamel, depois foram almoçar.

À noite chegou e Rony ensinou a Harry a jogar xadrez bruxo, um jogo parecido com o xadrez trouxa, porém as peças eram vivas. Com a Sala Comunal só para eles, comeram, deitaram nas melhores poltronas próximas à lareira e dormiram. Rony acordou cedo, chamou Harry e desejou-lhe “Feliz Natal”. Avisou que ele havia ganhado presentes, uma flauta feita à mão de Hagrid, um suéter na cor verde e chocolates caseiros da mãe de Rony e o mesmo afirmou que ela sempre dava esses suéteres, sapos de chocolate e feijões de todos os sabores de Hermione, uma moeda de seus tios e um presente leve que não sabia de quem era. Abriu e Rony logo percebeu que se tratava de uma capa de invisibilidade e afirmou que era rara e valiosa. A mesma veio acompanhada de um bilhete que fez Harry pensar em quem havia lhe mandado e se era realmente de seu pai como afirmava as letras do papel. Os gêmeos Wesley chegaram e Harry escondeu seu presente, e os mesmos estavam vestidos em suéteres azuis com suas iniciais e logo depois chegou Percy trazendo o seu feito à mão.

Saíram para o almoço de natal, o primeiro de Harry, que comeu tudo que pôde e até levou para o quarto junto com as coisas que ganhou. Chegando à Sala Comunal da Grifinória, os garotos jogaram xadrez bruxo, e Harry perdeu feio. Rony era realmente muito bom. Após muita comida, brincadeiras e risadas todos foram dormir, menos Harry que ainda pensava na capa e em quem havia mandado. Viu Rony dormindo, vestiu-se e saiu pelos corredores escuros do castelo. Pensou aonde iria e lembrou-se da seção reservada da biblioteca, pois dessa vez ninguém iria vê-lo. Viu livros sem nome e pegou um livro grande preto com prata, abriu o livro, que gritou denunciando sua pequena fuga. Enquanto corria, derrubou o lampião que estava consigo; passou por Filch, este que resmungava sobre alunos fora da cama com Snape. Fugiu e entrou em uma sala antiga, onde havia um espelho estranho que tinha uma escrita com os dizeres: “*Oãça roeu esme ojesed osamo tso, rueso ortso moãn.*” que lida ao contrário forma a frase: “Não mostro o seu rosto, mas o desejo em seu coração.”; Harry congelou porque se viu junto a dez pessoas e se aproximando reconheceu a família Potter, reconheceu sua mãe pelos

olhos e cabelo. Não queria sair dali, mas foi chamado por um Rony furioso por não ter sido acordado para a pequena aventura. Harry prometeu que na próxima o chamaria. O garoto estava tão empenhado pensando no misterioso espelho e na sua família mostrada, que esqueceu de Flamel e até de comer. Rony disse que ele estava estranho e insistia que fizesse as refeições. Ao cair da noite, Harry e Rony foram em busca da sala com o espelho. Os garotos andaram por horas e Rony reclamava que seus pés congelavam, mas Harry identificou a fechadura, quando entraram Harry viu sua família, mas Rony afirmava que só via o mesmo parado. Harry deu seu lugar a Rony que se viu como mentor e ganhador da Taça de Quadribol, questionou como esse espelho mostrou o futuro e o Potter respondeu que não era verdade, pois via sua família e ela estava morta. Os garotos falavam alto, escutaram um ruído entrando por baixo da capa; Madame Nor-r-ra apareceu e depois saiu. Com medo de que a gata fosse buscar Filch, os garotos voltaram para seus quartos.

Na manhã seguinte a neve continuava lá, Rony chamou o Potter para jogar xadrez, ir à casa de Hagrid e a resposta de Harry era sempre “Não!”. Rony concluiu que o outro estava pensando no espelho. Harry foi alertado que não deveria ir, pois com certeza Filch, Madame No-r-ra e Snape estariam andando por aquela área. Harry o criticou e foi à noite na sala, sentou-se no chão e ficou em frente ao espelho. Para sua surpresa, Dumbledore estava lá a sua espera. O Professor afirmou que o espelho ganharia uma nova casa e que Harry deveria não o procurar mais, só quando estivesse pronto. O homem ainda questionou o pequeno garoto o que o espelho mostrava, e o mesmo respondeu que não, então Dumbledore concluiu que ele mostrava os desejos mais desesperados de nossos corações.

3.2.13 Capítulo 13: Nicolau Flamel

Harry se convenceu com as palavras de Dumbledore em não procurar pelo espelho, mas o garoto estava tendo pesadelos constantes após três dias de visitas ao espelho. Rony afirmou que o professor estava certo e que se Harry não tivesse parado ficaria maluco. Hermione voltou um dia antes das férias acabarem e estava dilacerada ao saber do ocorrido com Harry e também pelos garotos não terem achado nada sobre Nicolau Flamel. Os treinos estavam cada vez mais pesados, o que agradava a Harry, pois chegava cansado e não tinha pesadelos.

Chegando do treino, Harry foi logo contar a Hermione e Rony que Snape quem iria apitar a partida. Os amigos o mandaram desistir, mas ele não podia, era o único apanhador do

time. Foi quando se assustaram com a entrada de Neville na Sala Comunal com as pernas enfeitiçadas por Draco, mas Hermione não riu igual aos demais e lançou um contrafeitiço e em seguida mandou denunciá-lo à Professora Minerva. O garoto estava quase chorando, então Harry deu-lhe um caixa de sapos de chocolate, Neville ganhou uma figurinha com Dumbledore e Harry percebeu o nome de Flamel na descrição. Hermione saiu correndo e voltou com o livro que havia dito que pegou para distração e lá estava o nome de Nicolau Flamel, o livro dizia que o mesmo era o criador da Pedra Filosofal que transformava qualquer metal em ouro puro, e a mesma também produzia o famoso elixir da vida e quem bebesse seria imortal.

Durante a aula de Defesa contra a Arte das Trevas os meninos pensavam no que a pedra poderia fazer e o que eles fariam se a possuíssem. Harry decidiu jogar e antes da partida se encontrava no vestiário. Estava nervoso, pois deveria pegar o Pomo de Ouro logo no início da partida para passar à frente da Sonserina e com medo que Snape falasse algo contra seu time. Fred havia dito que Dumbledore estava na plateia, o que acalmou o garoto. Hermione ensinava a Rony um feitiço caso Snape tentasse algo contra Harry.

A partida começou Snape estava com a cara furiosa e aplicava faltas contra a Grifinória. Draco apareceu e começou a irritar Rony e Neville, que a princípio não deu a mínima, mas em seguida caíram no chão brigando. Hermione nem viu, pois estava atenta a Harry, que veio veloz e por sorte pegou o Pomo de Ouro e acabou a partida. Todos comemoravam e levavam Harry nos ombros, foi quando alguém de capa entrava depressa na Floresta Proibida. Harry subiu na sua Nimbus 2000 e voou sobre as árvores, onde viu Snape e o Professor Quirrell conversando. O garoto ouviu sobre a pedra e como eles poderiam passar pelo Fofó e ainda escutou que Snape queria saber sobre a lealdade de Quirrell. Harry voltou e contou tudo a Rony e Hermione, chegaram à conclusão que Snape queria roubar a Pedra Filosofal.

3.2.14 Capítulo 14: Norberto, o dragão norueguês

Harry e Rony observavam atentos o Professor Quirrell e censuravam quem ria da gagueira do mesmo e Hermione estava preocupada com as provas finais que seriam a dez semanas. Na biblioteca eles continuavam a estudar, mas quando passavam no terceiro andar colocavam as orelhas nas portas para escutar se fofo continuava lá. Percebiam que a pedra estava salva, pois Snape continuava na escola mais bravo e mal humorado que nunca.

Na biblioteca, os três estavam preocupados com as provas e atividades. Obviamente Hermione é que estava pressionando os garotos. De repente Hagrid apareceu e os garotos

começaram a falar de Fofó e da pedra, o grandalhão os mandou ficar em silêncio. Ele escondia algo em seu casaco e chamou-os para um chá em sua casa. Saindo, Rony foi olhar em que seção ele estava e voltou com vários livros sobre dragões, os mesmos pensaram no que Hagrid estava armando. Mais tarde, foram à cabana de Hagrid, esta que se encontrava toda fechada. Os garotos estranharam. Eles queriam saber o que protegia a pedra além de Fofó, a pergunta lançada por Harry, e Hermione sorriu e perguntou com jeitinho se tinham outros feitiços a protegendo. Hagrid sorriu e disse que vários professores fizeram feitiços como: Minerva, Sprout, Flitwick, Quirrell, Dumbledore e Snape. Os garotos ficaram assustados, pois até mesmo Snape protegia a pedra e concluíram que o mesmo não sabia passar pela proteção de Quirrell. Harry perguntou O que havia no fogo? E foi respondido que estava chocando um ovo pelo método que aprendeu no livro da biblioteca. Hermione ficou preocupada.

No dia seguinte os três estavam estudando incansavelmente, quando Edwiges apareceu trazendo um bilhete de Hagrid, mas Hermione não apoiava perder aula para ver um dragão. Malfoy passava nesse exato momento escutou algo. Hermione acabou aceitando e foram até a casa de Hagrid, então nasceu o dragão magro e preto. O grandão se assustou porque viu alguém espiando pela janela, e Harry confirmou que era Malfoy. Todos gelaram. Quando foram visitar Hagrid, o dragão estava três vezes maior e o Grandão estava deixando seu trabalho para passar a maior parte do seu tempo cuidando de Norberto, o dragão. Harry teve a ideia de enviá-lo para Carlinhos, o irmão de Rony, já que o mesmo cuidava de dragões. Enviaram uma carta.

Harry e Rony usaram a capa da invisibilidade para ajudar Hagrid a alimentar Norberto, porém o dragão mordeu a mão de Rony, esta que estava ficando verde e duas vezes maior. Edwiges chegou trazendo uma carta de Carlinhos, dizendo que levassem Norberto no sábado à noite à torre mais alta, pois seus amigos levariam o dragão para a Romênia. Rony deixou a carta no livro que Malfoy pegou. Eles não poderiam voltar atrás, então usaram a capa e subiram com o dragão, que estava em uma caixa. Viram Minerva pegar Malfoy ao pé da escada, este que falou que estava esperando Harry com um dragão, então a professora levou-o para falar com Snape. Os meninos invisíveis e Norberto se foram, voltaram animados porque se livraram do dragão, mas encontraram Filch na escada, quando viram que a capa foi esquecida na torre.

3.2.15 Capítulo 15: A Floresta Proibida

Filch levou-os até Minerva, os três pensavam no que iriam dizer a ela. Minerva chegou trazendo Neville, que estava procurando os garotos para falar que Malfoy estava procurando-

os. Minerva estava furiosa em saber que eles tinham inventado a história do dragão para Malfoy ser pego fora da cama à noite. Estava muito desapontada e retirou cento e cinquenta pontos da Grifinória, deixando a casa em último lugar. Harry passou de famoso e popular, para odiado, até as casas da Corvinal e Lufa-Lufa estavam contra ele, pois por anos ninguém ganhava da Sonserina e eles perderam a chance por causa de Harry e seus amigos.

Após o ocorrido, Harry jurou não se meter em mais nada que não o envolvesse, nada mesmo. Ele queria apenas saber dos exames finais. Voltando da biblioteca escutou um choro, era do Professor Quirrell. Esperou que ele se afastasse e entrou na sala, mas não havia ninguém, só uma porta aberta do outro lado da sala. Ele correu e falou com Rony e Hermione que Snape dessa vez tinha conseguido pegar contrafeitiço de Quirrell e que só faltava passar pelo Fofó. Hermione sugeriu que fossem contar para Hagrid, mas Harry conseguiu fazê-la mudar de ideia explicando que eles tinham que dizer a Dumbledore sobre Fofó e a pedra.

Na manhã seguinte, chegou à detenção de Harry, Hermione, e Neville, a Professora Minerva escreveu que eles ficassem à espera de Filch, às vinte e três horas no saguão da entrada. Às onze horas, se despediram de Rony e foram esperar Filch e Malfoy, este último também pegou detenção. Filch os levou ao encontro de Hagrid, que estava preparado com arco e flechas dizendo que iriam entrar na floresta. Malfoy, com medo, se negou a entrar, pois lá existiam coisas como lobisomens, mas Hagrid disse que se não entrassem seriam expulsos da escola. Ao entrarem, viram uma coisa brilhando ao chão, era sangue de unicórnio. Hagrid lamentou, dizendo que era este pobre animal que eles tinham ido procurar. Dividiram-se em dois grupos, Malfoy ficou com Canino e Neville, enquanto Harry com Hermione e Hagrid. Andando pela floresta, Hagrid escutou algo e escondeu os meninos atrás de uma árvore, viu uma capa negra se arrastando ao chão que de repente sumiu. Apareceu um centauro amigo de Hagrid, Ronan era seu nome, porém o centauro não respondia a nenhuma pergunta de Hagrid, ficava a contemplar o céu. Hermione gritou vendo umas centelhas vermelhas no céu, indicando que Neville e Malfoy estavam em perigo. Hagrid foi buscar os dois e dividiu o grupo novamente, mas dessa vez colocando Harry junto de Malfoy e Neville. O motivo do susto foi Malfoy, que assustou o garoto, o fazendo soltar as centelhas vermelhas. Adentraram mais a floresta e Harry encontrou o unicórnio morto, e junto dele estava algo ou alguém de capuz preto que veio se arrastando até o animal, tomando seu sangue. Malfoy assustado, gritou e fugiu, com isso a pessoa de capa se aproximou para atacar Harry. A cicatriz de Harry doeu tanto que o mesmo caiu de joelhos, sua sorte foi um centauro que o salvou, espantando o bicho que iria atacar o menino.

O centauro chamado Firenze reconheceu que era o menino Potter e o protegeu, levando-o para Hagrid. Ronan rosou de raiva, dizendo que os céus já tinham escrito. O centauro Firenze, no caminho para entregar Harry, disse em outras palavras que matar um unicórnio é muito monstruoso e que beber o sangue garante uma semi-vida. O garoto com o coração gelado falou no nome de Voldemort e o centauro afirmou e perguntou se o garoto sabia o que estava sendo guardado na escola. Harry falou sobre a Pedra Filosofal, que faz o elixir da vida e sobre Snape, que estaria ajudando a trazer Voldemort à vida e que iriam roubar a pedra para isso.

Chegando ao castelo, Harry contou a história a Hermione e Rony repetindo o nome de Voldemort várias vezes. Rony o repreendeu e Hermione tentou aliviar Harry, afirmando que você-sabe-quem não faria nada a ele enquanto Dumbledore estivesse no castelo, pois o bruxo das trevas o temia. Harry foi dormir e encontrou a capa de invisibilidade em suas coisas, com um bilhete dizendo: “Por via das dúvidas.”

3.2.16 Capítulo 16: No alçapão

Chegando o dia das avaliações finais de Hogwarts, Harry só pensava em como Voldemort poderia matá-lo, em como os pesadelos aumentavam e a cicatriz que doía como se o alertasse do perigo que estava próximo. Com as provas concluídas, Harry não tirava da cabeça que algo nessa história estava errado, foi quando se lembrou que Hagrid sempre quis um dragão e de repente um bruxo andava com um no bolso de um bar. Correram até a casa do grandão e o viram sentado, questionaram quando ele ganhou o ovo do dragão e se o mesmo viu o rosto do homem que o deu. Hagrid disse que não, que ele estava como de capa, que era estranho e estava pagando muita bebida para ele. Harry perguntou a Rubéo se ele tinha falado sobre Fofó e o mesmo afirmou e disse que o cachorro só precisava de uma música para acalmá-lo. Os três se olharam e correram de volta para a escola.

A procura de Dumbledore ou de sua sala, encontraram a Professora Minerva, e perguntaram pelo professor e a mesma disse-lhe que havia ido para Londres e só voltaria no dia seguinte. Então Harry falou que alguém roubaria a pedra, Minerva ficou surpresa e deixou cair os livros que segurava e falou que a pedra estava muito bem protegida e mandou eles saírem. Enquanto conversavam, viram Snape, este que disse ríspido para Harry tomar cuidado e não andar à noite pelo castelo. Harry decide ir em busca da pedra antes de Snape e Voldemort. Hermione achou que era uma loucura, porém o garoto a convenceu que não e que Hogwarts poderia deixar de existir se Voldemort voltasse. Hermione obrigou Rony a ir também. Chegando

à noite, esperaram todos irem dormir e Harry pegou a capa e os três saíram. Harry levava consigo a flauta que Hagrid lhe deu de presente, de repente, Neville apareceu tentando impedir a saída dos garotos, pois a Gifinória iria se prejudicar, mas Hermione o lançou um feitiço de corpo preso e o garoto caiu no chão duro. Saíram por baixo da capa e passaram pela Madame No-r-ra e por um fantasma, que por sorte conseguiram desviar e entraram no terceiro andar. A porta já estava aberta, então Snape já havia entrado na sala. Harry tirou a flauta e tocou, quando o cão dormiu tiraram a capa e abriram o alçapão. Harry entrou e caiu em algo fofo, depois Rony e Hermione, esta que percebeu que abaixo dele estava o Visgo do Diabo e conseguiu escapar para o lado, enquanto a planta se enrolava nos garotos. A garota lançou um feitiço de fogo e a planta recuou. A próxima prova era achar a chave que abriria uma porta velha, os três voaram no meio de milhares de chaves e acharam uma usada e antiga. Harry como um bom apanhador, pegou a chave e abriu a porta. Acharam do outro lado uma sala escura. As luzes acenderam e viram que teriam que jogar xadrez bruxo para conseguir ir para a próxima prova. Foram ao jogo e dessa vez Rony dominou a liderança. Harry e Hermione tomaram o lugar do bispo e da torre, respectivamente. Peças vão e vem, então Rony se sacrificou para que Harry desse o xeque-mate. Desesperados, os dois negaram, mas Rony os avisou que Harry tinha que continuar. Então o garoto fez sua jogada e a Rainha deu uma forte pancada na cabeça do ruivo, que caiu. Harry concluiu o xeque-mate e seguiu com Hermione e lá estava a próxima prova, a menina afirmou com certeza que o responsável era Snape. Havia sete garrafas, três com veneno e duas com poções e junto uma charada que Hermione leu várias vezes e concluiu que havia um feitiço possibilitando a volta pelas chamas roxas sem se queimar e uma garrafa pequena para prosseguir por chamas pretas. Harry decidiu que Hermione deveria voltar e pegar Rony e enviar uma carta a Dumbledore, avisando que ele tentaria impedir Snape ou Voldemort. A garota tomou a poção e voltou, e Harry tomou a garrafa pequena. Quando prosseguiu a próxima sala não encontrou nem Snape e tão pouco Voldemort.

3.2.17 Capítulo 17: O homem de duas caras

Quando viu o Professor Quirrell, Harry espantou-se. O mesmo não gaguejava e não tinha aquela cara de lerdo. Quirrell sorriu para Harry e imaginou que o mesmo estaria imaginando que encontraria Snape, uma pena desapontá-lo. Snape nunca tentou lhe matar, Quirrell sim, na partida de Quadribol estava azarando a vassoura de Harry e o outro estava fazendo um contrafeitiço para protegê-lo, mas havia sido impedido por Hermione. O garoto

descobriu que desde o início Quirrell tinha a intenção de roubar a pedra para seu mestre, e a todo momento Snape o colocava contra a parede para saber de que lado estava sua fidelidade, descobriu que Snape realmente o odiava, mas que o protegia. Nesse momento, Quirrell havia prendido Harry por cordas, e o mesmo se via com a pedra pelo Espelho de Ojesed, mas não sabia como adquiri-la, então uma voz falou para o menino. Se soltou e olhou para o espelho novamente, se viu sorrindo e mostrando a pedra que tinha no bolso. Harry se espantou ao conseguir sentir a pedra e mentiu para Quirrell, dizendo se ver com Dumbledore segurando a Taça das Casas. A voz ecoou dizendo que era mentira e pediu para conversar com o garoto, o professor retrucou, dizendo que era melhor não pois se estava fraco. A voz insistiu, então Quirrell retirou seu turbante e atrás de sua cabeça havia um rosto terrivelmente pálido, com a expressão de uma cobra, este começou a falar com o garoto, afirmando ser Voldemort. Disse que estava passeando pelos corpos para sobreviver e só a pedra o daria um corpo. Pediu a pedra ao garoto e em uma tentativa de persuasão falou que o faria poderoso como ele. Harry tentou correr, mas estava sem forças, por isso gritou que não iria ficar ao seu lado por causa da morte de seus pais. Aquele que não deve ser nomeado mandou Quirrel matá-lo, este que agarrou Harry pelo pescoço, mas sua cicatriz do garoto o queimava. As mãos de Quirrell ficaram em carne viva, então o garoto entendeu que o prejudicou e usou suas mãos para imobilizá-lo. O professor estava com o rosto cheio de bolhas, e gritava de dor, mas o garoto também sentia uma dor profunda na cicatriz. O garoto sentiu o braço do professor soltar sua mão e desmaiou em uma escuridão profunda.

Estava abrindo os olhos e vendo um pomo, piscou e viu os óculos do Professor Dumbledore, ele estava na ala hospitalar da escola e já fazia uns três dias que estava desacordado, foi o que o professor disse e que seus amigos o esperavam ansiosos. Porém, Harry só queria saber sobre a pedra, Quirrell e Voldemort, com isso, Dumbledore respondeu que não se preocupasse que a pedra havia sido destruída e Flamel tinha elixir suficiente para colocar arrumar seus negócios e que Quirrell foi abandonado a morte por Voldemort, este que saiu vagando para se alojar em outro corpo. Harry questionou o porquê de Quirrell não aguentar seu toque, o professor disse que havia sido por causa de sua mãe que morreu para salvá-lo, selando assim, uma proteção de amor e que Quirrell cheio de avarizia, ódio e ambição compartilhando a alma com Voldemort, não podia tocá-lo. Harry fez um último questionamento sobre Snape, que o odiava por causa de seu pai, e foi-lhe dito que seu pai havia feito algo com o outro na infância, o que o levou a não gostar do mesmo. Madame Pongrey, a encarregada do hospital, era rigorosa, mas uma ótima pessoa e deixou que Hermione e Rony entrassem para passar cinco minutos, então Harry lhes contou tudo, deixando-os espantados. O último a visitá-los foi

Hagrid, que chorou pensando em tudo que aconteceu, mas Harry o acalmou e o Grandão o apresentou com um álbum de fotos com sua família, fotos essas que se mexiam e acenavam para o garoto.

Harry desceu para a festa de fim de ano e chegando ao Salão Principal e todos o olhavam e falavam alto sobre o mesmo. Sentou no meio de Rony e Hermione, e viu que o salão estava verde e prata, cores da Sonserina que ganhou a Taça das Casas. Dumbledore chegou e o silêncio foi feito, ele falou sobre a finalização do ano e concedeu alguns pontos de última hora, deu cinquenta pontos a Rony pela melhor partida de xadrez presenciada por Hogwarts; cinquenta pontos a Hermione pelo uso de sua lógica inabalável em frente ao jogo e sessenta pontos a Harry pela coragem e frieza. O pessoal da Grifinória gritava, pois deixaram o quarto lugar pelo primeiro, estavam empatados com a Sonserina. Dumbledore completou falando da coragem ao enfrentar os inimigos e mais ainda para enfrentar os amigos e concedeu dez pontos para Neville Longbottom, fazendo a Grifinória campeã. O salão tornou-se vermelho e dourado e um grande leão tomou o lugar de uma serpente. Foi a melhor noite da vida de Harry. Todos foram aprovados no primeiro ano de Hogwarts, e logo os objetos de todos os alunos foram guardados para voltarem as suas casas para as férias. Harry, Hermione e Rony juntos de volta a estação de King's Cross trocaram suas vestes para blusões e paletós e a Sra. Weasley foi pegar os garotos na plataforma. Gina Wesley se alegrou ao finalmente ver o famoso Harry Potter de perto, esquecendo a chegada dos irmãos. Tio Válter foi buscar Harry junto de Petúnea e Duda, parecendo horrorizados só de olhar para o garoto. Rony e Hermione prometeram mandar cartas para Harry durante esse período distante.

3 MITOLOGIA NO LIVRO HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

Não é novidade que a mitologia convive com o universo literário diversificado. Em suas narrativas a literatura conquista inúmeros públicos e admiradores, fornecendo-lhes antigas e novas construções de crenças e culturas.

Em 1949, Joseph Campbell publicou o livro *O Herói de Mil Faces*, descrevendo em diversas etapas a trajetória dos personagens históricos. Relatando interessantes diferentes simbólicos entre os mitos ao redor do mundo, descrevendo de maneira histórica suas influências em determinados comportamentos de povos, culturas e até civilizações que jamais se encontraram.

Se J.K. Rowling leu algum dos trabalhos de Joseph Campbell ou não, jamais se sabe, contudo, o seu herói Harry Potter acompanha o mesmo caminho mitológico do livro supracitado do mesmo autor. Em *O Herói de Mil Faces*, Campbell clarifica e analisa os pontos comuns compartilhados por cada herói, com enfoque na figura dos heróis clássico grego, partindo com o seu nascimento, em que “cada herói está predestinado, ao invés de simplesmente alçando” (CAMPBELL, 1994, p. 319). Nesse livro Campbell delinea o arquétipo da vivência do herói como “uma separação do mundo, uma penetração de alguma fonte de poder, e um retorno de vida encantador” (CAMPBELL, 1994, p. 35). Nesse sentido, é fundamental perceber que o herói de J. K. Rowling, Harry Potter, é quase morto logo após o nascimento, porém escapa da maldição de morte com exclusivamente uma cicatriz em formato de raio na testa. Campbell (1994) esclarece que o home celebra os contos heroicos e seus feitos, a fim de expor e explicar o seu próprio lugar no universo.

Uma determinada cultura pode definir a Mitologia como a interpretação e o estudo do mito e do conjunto desenvolvidos em seu meio. Enigmático e que se acerca de vários pontos de vista, o mito é além disso um fenômeno cultural. Comumente a linguagem simbólica é uma narração descritiva que retrata em postulados básicos a origem dos elementos e de uma cultura. Estes personagens mitológicos mostram-se ressignificados por meio das obras infanto-juvenis, conceitos a serem considerados de forte impacto nesses jovens, por meio de sua forma literária.

A mitologia grega com seus personagens, ninfas, semideuses, deuses, centauros entre outros. A presença, cada vez recorrente desses personagens, permitem-nos perceber que nas últimas décadas o fenômeno social que efetivamente se instituiu, foi que decididamente guiou a sociedade para o retorno da espiritualidade, principiando novas formas do sagrado e o resgate das antigas tradições. Jamais serão apenas novas interpretações literárias a respeito das criaturas mitológicas que saboreiam essas transformações, as narrativas também exercem sobre os

leitores uma forte sedução que estimula a busca sobre a origem desses seres descritos no livro *Harry Potter e a pedra filosofal* de J. K. Rowling. As narrativas literárias estão repletas da atuação do fantástico. Rowling reuniu em suas obras abundantes elementos mitológicos que corroboram suas representações no livro. Segundo Campbell (1991, p. 14-15):

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informações mitológicas do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam, de hábitos, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectivas ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar.

Incorporado ao livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), há inúmeros mitos são reinventados em suas características e comportamentos, ou seja, Rowling agregou diversas mitologias em um único mundo onde criaturas, personagens principais com nomes de deuses levando a conceitos que coexistem de maneira natural e fluida. Bulfinch (2002, p.150) afirma que:

Os monstros, na linguagem da mitologia, eram seres de partes ou proporções sobrenaturais, em via de regra encarados com horror, como possuindo imensa força e ferocidade, que empregavam para perseguir e prejudicar os homens. [...]. E a todos estes eram atribuídas as terríveis qualidades dos animais ferozes, juntamente com a sagacidade e outras qualidades humanas.

Os exemplos dessas reformulações que analisaremos são Minerva, duendes, Percy, Fred e Jorge (irmão gêmeos), Morgana, Sr. Filch, cão de três cabeças (Fofó), trasgo, Unicórnio, centauros e Quirrell (Jano).

Com o que foi supracitado, iniciaremos a análise neste trabalho com as representações míticas, mitológicas e literária de Minerva. Iniciando com a descrição mitológica e os contrapontos ilustrados por Rowling no primeiro livro da série *Harry Potter*.

3.1 Minerva

Na mitologia Romana conhecida como Minerva, deusa da guerra, da sabedoria, do conhecimento, da guerra, das artes, da estratégia militar e da música, equivalente a deusa Grega Atena. Em seu livro *Literatura Ocidental* (1997), Salvatore D'Onofrio descreve Minerva como:

Concebida inicialmente pela união de Júpiter com Métis, personificação da prudência, Minerva nasceu já vestida e armada de dentro da cabeça do pai, depois de Júpiter, para esconder o adultério, engolia a amante. A esta origem

mítica estão ligados seus atributos principais, deusa da guerra e da sabedoria, e sua iconografia: é representada com lança, capacete e égide, tendo como animal sagrado a coruja (símbolo de Inteligência) e como planta de estimação a Oliveira (Minerva ensinou aos Mortais a fabricação do azeite). O mito de Atena sofreu uma longa evolução, com tendência a espiritualizar-se cada vez mais a imagem da deusa. Ela, juntou com o irmão Apolo, simboliza as características principais da civilização helênica: o triunfo da verdade, da inteligência, da harmonia, do equilíbrio sobre a barbárie, a orgia, o mistério (D'ONOFRIO, 1997, p. 34-35).

No livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), a professora de transfiguração leva o nome de Minerva pelas características supracitadas pelo autor, podemos perceber que é a mesma na personagem do livro, a professora Minerva McGonagall. Ela é a vice-presidente de Hogwarts, sendo rigorosa durante toda a série, mas no fundo uma pessoa extremamente decente e justa principalmente com o garoto Harry.

Inicialmente no livro em análise, a professora se irrita em deixar o pequeno garoto com a família de trouxas (pessoas que não são bruxas), e durante toda a série se mostra como uma verdadeira deusa Greco-romana, levando consigo todas as características já citadas. Podemos compreender um pouco da professora pela citação da autora abaixo:

[...] – Imaginei encontrar a senhora aqui, Prof^a. Minerva McGonagall. E virou-se para sorrir para o gato, mas este desaparecera. Em vez dele, virou-se sorrindo para uma mulher de aspecto severo que usava óculos de lentes quadrada exatamente do formato, das marcas que o gato tinha em volta dos olhos. Ela, também usava uma capa esmeralda. Trazia os cabelos negros presos num coque apertado. E parecia decididamente irritada (ROWLING, 2017, p. 12).

3.2 Hermione

Hermione a bruxa mais inteligente e determinada, bem descrita por Corradini (2016) no seu livro *Almanaque de Harry Potter e outros bruxos*,

A bruxinha mais brilhante de Hogwarts é filha de trouxas – seus pais são dentistas – e parece acreditar muito mais nos livros que nas pessoas. No primeiro ano na escola, a garota era muito mandona, mas está aprendendo a deixar as regras de lado de vez em quando. E, apesar de os meninos zombarem de sua rigidez com as aulas e lições de casa, seus conhecimentos são excelentes quando se trata de combater plantas e criaturas malvadas. Hermione é apaixonada pela causa dos elfos e criou o F.A.L.E. (Fundo de Apoio à Libertação dos Elfos), para essas criaturas não fiquem mais sob o poder dos bruxos (CORRADINI, 2016, p. 12).

Todos os aficionados ou não por mitologia já ouviram falar em Helena de Tróia, a guerra aconteceu após o rapto da princesa Helena de Tróia por Páris, quando ele foi em missão diplomática, e acabou se apaixonando pela princesa. O rapto deixou Menelau, o esposo de Helena, furioso, fazendo que ele organizasse um poderoso exército. E travasse uma guerra contra os gregos que durou dez anos, quando os troianos foram presenteados com enorme cavalo de madeira com centenas de soldados escondidos dentro dele, os troianos exaustos dormiram, assim as portas do cavalo abriram e os gregos atacaram a cidade de Tróia até sua destruição.

Em nossas análises constatamos que Rowling usou o nome da filha de Helena e Menelau para a construção da personagem feminina de grande importância para a obra Harry Potter, a garota Hermione, como veremos abaixo:

[...] – Tinha um tom de voz mandão, os olhos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes. [...]
 - Você tem certeza de que esse feitiço está certo? – perguntou a menina. – Bem, não é muito bom, né? Experimentei uns feitiços simples só para praticar e deram certo. Ninguém na minha família é bruxo, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de bruxaria que existe, me disseram. Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar, é claro, só espero que sejam suficientes; aliás, sou **Hermione** Granger e vocês quem são? (ROWLING, 2017, p. 74, grifo nosso),

Hermione é uma das bruxas mais poderosas de todos tempos e sempre salva Harry e Rony de apuros, sendo ela a mais dedicada nos estudos e nas execuções dos feitiços para livrar o trio de grandes perigos. No livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) a garota que faz várias pesquisas sobre as contestações sobre o Nicolal Flamel e a criação pedra filosofal, atividade realizada de maneira autônoma, gerada pela curiosidade dessa aluna e pela necessidade emergente das situações vivenciadas por ela nas quais são citadas esse artefato na trama do livro.

Embasados nos conceitos mitológicos, seguiremos com o estudo das diferentes interpretações dos duendes, segundo o livro *Harry Potter e a pedra filosofal* (2017) de J. K. Rowling.

3.3 Duendes

A mitologia detém um vasto campo de lendas acerca destes fantásticos seres. Contudo, o estudo que se segue será realizado a partir do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), apresentando a ressignificação mitológica desta criatura através da sua literatura.

Segundo Kronzek (2003, p. 112, grifo do autor):

Em alguns dicionários, você irá encontrar “duende” definido com um “**demônio** feio e maldoso”. Mas veja os duendes sagazes e eficientes que dirigem o Gringotes e logo você vai compreender que essas criaturas mágicas nem sempre foram vistas de forma negativa. No folclore medieval inglês, os duendes costumam ser representados como diabinhos ou espíritos domésticos prestativos, ainda que temperamentais. Como os *brownies* escoceses, os *gobelins* franceses, os *kobolds* alemães, frequentemente se prendem a uma determinada pessoa ou família e se mudam para a sua casa. Gostam especialmente de casas de fazenda e de sítios isolados na zona rural.

Os duendes são conhecidos como seres maus com grandiosas características horríveis e zangados, na interpretação literária Rowling, os duendes são criaturas mal humoradas e mal encarados de poucas palavras e estão à frente do banco dos bruxos.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), primeiro livro da série, a autora retrata como “Só este [banco]; Gringotes. É administrado por duendes” (ROWLING, 2017, p. 46). Assim podemos perceber que os duendes têm pouca representatividade nas atividades comerciais no mundo bruxo, “só esse”. Concluindo essa visão sobre os duendes, o livro *O mundo mágico de Harry Potter: Mitos, lendas e histórias fascinantes* (2001) do autor David Colbert, descreve os duendes em Harry Potter assim “os duendes de J. K. Rowling parecem ser um meio-termo entre Bem e o Mal. Esse equilíbrio fez deles perfeitos guardiões para o Banco de Gringotes, uma tarefa que exigiria que fossem tanto confiáveis quanto impiedosos.” (COLBERT, 2001, p. 80).

Pensando no imenso acervo mitológico que engloba as literaturas de J. K. Rowling, destacamos os personagens Percy, os irmãos gêmeos Jorge e Fred, Morgana e Sr. Filch para o primeiro livro e toda a série *Harry Potter*.

3.4 Percy

Inicialmente chamamos atenção para explicar que Percy não existe na mitologia Grega, sendo um personagem criado para o livro *O ladrão de raios*. Contudo, seu nome é inspirado em um grande herói da mitologia grega o Perseu. Na obra *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): Histórias de deuses e heróis* (2002) do autor Thomas Bulfinch, o autor descreve o mito como:

Perseu era filho de Júpiter e de Dânae. Seu avô, Acrísio, assustado com a predição de um oráculo, no sentido de que o filho de sua filha seria o instrumento de sua morte, determinou que a mãe e o filho fossem encerrados

numa arca, e esta colocada no mar. Arca flutuou até Serifo, onde foi encontrada por um pescador, que levou a mãe e o filho Polidectes, o rei do país, que os tratou com bondade. Quando Perseu tornou-se homem Polidectes mandou-o combater Medusa, monstro terrível que devastava o país. Medusa fora outrora uma linda donzela, que se orgulhava principalmente de seus cabelos, mas se atreveu a competir em beleza com Minerva, e a deusa privou-a de seus encantos e transformou as lindas madeixas em hórridas serpentes. Medusa tornou-se um monstro cruel, de aspectos tão horrível, que nenhum ser vivo podia fitá-la sem se transformar em pedra. Em torno da caverna onde ela vivia, viam-se as figuras petrificadas de homens e de animais que tinham ousado contemplá-la. Perseu, com Apolo de Minerva, que lhe enviou seu escudo, e de Mercúrio, que lhe mandou suas sandálias aladas, aproximou-se de Medusa enquanto ela dormia e, tomando o cuidado de não olhar diretamente para o monstro, e sim guiado pela imagem refletida no brilhante escudo que trazia, cortou-lhe a cabeça e ofereceu Minerva, que passou a trazê-la presa no meio da Égide (BULFINCH, 2002, p. 142-143).

Com o mito supracitado compreendemos que Percy e Perseu são dois semideuses diferentes, mas com histórias interligadas, porque os dois enfrentaram Medusa e ganharam presentes de Hermes. Contudo, ao passo que Percy é filho de Poseidon, Perseu é filho de Zeus.

Nesse estudo Rowling usa em um dos seus personagens com o nome de Percy o irmão de Rony, é o terceiro irmão mais velho da família Wesley, um quintanista e monitor da Grifinória, o mesmo possui um jeito pomposo e arrogante, e durante a série o mesmo vai se afastando da sua família e fazendo união ao Voldemort. Comprovando com a citação da autora no livro em análise, “Está bem **Percy**, você vai primeiro.” (ROWLING, 2017, p. 65, grifo nosso). Ao passo que o motivador do nome foi um herói, na série, ele faz parte da narrativa secundária e que se deixa seduzir pelas trevas.

3.5 Os irmãos gêmeos Jorge e Fred (Cástor e Pólux)

Prosseguindo nos estudos do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), seguindo na temática mitológica, a autora introduz os irmãos gêmeos Fred e Jorge que são irmãos de Rony e são da Família Wesley. No livro supracitado, os irmãos possuem uma irmandade forte e segura, os dois tem uma relação próxima e, no âmbito pessoal, apresentam e além disso têm características fortes, e são descritos pela irmandade e alegria, bem como por serem trapaceiros e brincalhões.

Através da citação, “Eu não sou **Fred**, sou **Jorge** – retrucou o menino. – Francamente, mulher, você diz que é nossa mãe? Não consegue ver que sou Jorge.” (ROWLING, 2017, p. 66, grifo nosso). Embasados nas ações mitológicas podemos ligar os irmãos gêmeos ao da mitologia grega Castor e Pólux, polidamente descrita por Bulfinch (2002, p. 194):

Castor e Pólux eram filhos de Leda e do cisne sob disfarce Júpiter se escondeu. Leda deu nascimento a um ovo, que produziu os dois gêmeos. Helena, tão famosa devido à Guerra de Tróia, era sua irmã.

Quando Teseu e seu amigo Pírito raptaram Helena, em Esparta, os jovens heróis Castor e Pólux saíram, imediatamente, com seus sequazes para libertá-la. Teseu não se encontrava na Ática e os gêmeos recuperaram a irmã.

Castor era famoso como domador de cavalos e cavaleiros e Pólux, como lutador: Eram unidos por ardente afeição e inseparáveis em todos os seus feitos. Acompanharam a expedição dos Argonautas. Durante a viagem, irrompeu uma tempestade e Orfeu invocou os deuses da Samotrácia, tocando sua harpa.

A tempestade cessou, então, e apareceram estrelas sobre a cabeça dos gêmeos. Devido a isso, Castor e Pólux passaram depois a ser considerados as divindades protetoras dos marinheiros e viajantes, e as chamadas que, conforme o estado da atmosfera, costumam aparecer em torno das velas e dos mastros das embarcações receberam seus nomes.

Depois da expedição dos Argonautas, encontramos Castor e Pólux empenhados numa guerra com Idas e Linceus. Castor foi morto e Pólux, inconsolável com a perda do irmão, pediu a Júpiter que lhe permitisse oferecer a sua própria vida pela do outro. Júpiter consentiu que os dois irmãos vivessem alternadamente, passando um dia na terra e outro na morada celestial. Segundo outra versão, Júpiter recompensou a afeição dos irmãos, colocando-os entre as estrelas, como Gemini, os gêmeos.

Os dois receberam honras divinas sob o nome de Dioscuros (filhos de Jove). Acreditava-se que apareciam, às vezes mais tarde, participando de combates, de um ou outro lado, cavalgando magníficos cavalos brancos. Na história dos primeiros tempos de Roma, por exemplo, dizia-se que eles ajudaram os romanos na batalha do lago Regilo, e, depois da vitória, foi erguido um templo em sua honra, no local onde apareceram.

3.6 Morgana

Sarah Bartlett fala em *A Bíblia da Mitologia* (2011), que a “A fada Morgana, rainha sedutora, porém sinistra, também tem sido identificada como Morrígan. Nas lendas arturianas, ela também é conhecida como Nimue ou Viviane, mas seja qual for seu verdadeiro papel.” (BARTLETT, 2011, p. 146).

Morgana é considerada bruxa, feiticeira, deusa ou fada que tinha a capacidade de se transformar em um animal, mas ela é conhecida, principalmente, por ser seguidora de Merlim, e curar com ervas mágicas. Nessa linha de pesquisa o nome da Morgana aparece no livro *Harry Potter e a Pedra filosofal* (2017), dentro dos sapos de chocolates, que são doces mágicos com figurinhas nas quais aparecem bruxos ou feiticeiros famosos que fizeram grandes atos para o bem do mundo mágico.

No capítulo seis, Rowling diz que “ora, você não pode esperar que ele fique aí o dia todo. Depois ele volta. Não, tirei a **Morgana** outra vez e já tenho umas seis... você quer? Pode começar a colecionar” (ROWLING, 2017, p. 72, grifo nosso). Presentes em inúmeras culturas, suas histórias e lendas sempre as descrevem com bruxa de grande poder, sedução e força.

Também conhecida como Morgan le fay, irmã ou meia-irmã do rei Artur, Morgana é personagem fictício bastante versátil que aparece na literatura e nas lendas da Grã-Bretanha, Itália e França. Às vezes ela é uma deusa, às vezes uma **bruxa** ou uma **feiticeira**, ou ainda uma lançadora de encantos ou uma **fada**. Qualquer que seja a forma que ela tome, sua personalidade forte e suas habilidades sobrenaturais azem dela uma personagem ilustre (KRONZEK, 2003, p. 216, grifo do autor).

A descrição mitológica e dos deuses enraizados nas literaturas de Rowling, e seus contrapontos chegamos ao Sr. Filch com características do Argos que será explorado.

3.6 Sr. Filch

Sr. Argo Filch segue com um dos seus nomes de um deus da mitologia grega o Argos ou Argus. Segundo Malone (2016) em *O universo de Harry Potter de A a Z: O guia não oficial definitivo de toda série*, esse personagem, “Argus é uma criatura da mitologia grega que possui mil olhos. Rowling escolheu esse nome porque o zelador de Hogwarts é metido que tenta sempre saber de tudo que está acontecendo.

Filch (surrupiar, em inglês) é apropriado ao personagem, porque ele está sempre confiscando as coisas (MALONE, 2016, p. 55). Diante do exposto afirmar o seu cargo na escola e como ele é o grande observado com a citação da autora, “o Sr. Filch, o zelador, me pediu para lembrar a todos que não devem fazer magia no corredor durante os intervalos das aulas” (ROWLING, 2017, p. 88).

Para deixar essa construção mais consistente iremos ver a descrição de Bulfinch (2002), na qual o autor retrata Argos com cem mil olhos em sua cabeça, e para dormir, em nenhum momento fechava mais de dois ao mesmo tempo. Sendo assim afirmando que o zelador era os olhos e ouvidos do diretor da Escola de bruxaria.

Seguindo com a análise deste trabalho, apresentamos as discrepâncias entre a mitologia e o livro em estudo a representação do Cérbero que no mesmo, recebe o nome de Fofó.

3.7 Fofó, cão de três cabeças (Cérbero)

Segundo a mitologia grega Cérbero, era o nome do cão de três cabeças que guardava os portões do reino de Hades, ou seja, o mundo subterrâneo das almas. A representação mitológica desse monstruoso cão veio em transformação durante muito tempo, antigamente dizia que ele possuía cinquenta cabeças e uma voz metálica. A partir dessas características, os artistas

passaram a retratá-lo com três cabeças e a coluna coberta de serpentes, e tornou a imagem oficial descrita como conhecemos hoje. Segundo Bartlett em *A Bíblia da mitologia* (2011), essa criatura era

Cérbero (“demônio do poço”) era filho de Équidna (metade mulher, metade serpente) e Tífon. Tinha entre três e cinquenta monstruosas cabeças de cão e cem caldas de serpentes. Guardava a entrada para o Mundo Inferior, e rondava eternamente os portões para impedir a passagem de intrusos. Os mortos eram autorizados a passar por ele como sombras, mas a única maneira de os vivos entrarem era por meios ilícitos. Orfeu embalou-o no sono com sua música, Enéas drogou-o e Hércules o aterrorizou (BARTLETT, 2011, p. 290).

Nessa perspectiva, fazendo um paralelo entre a descrição de Bartlett (2011) com livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Rowling, descreve o cão da seguinte forma:

Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que faziam e estremeçiam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas. [...] estou falando do chão. Ele estava em cima de um alçapão. É claro que está guardando alguma coisa (ROWLING, 2017, p. 110-111).

A partir da explicação supracitada do autor e pela passagem do livro, percebemos que “o cão fofo” em Harry Potter tinha a mesma função de Cérbero de guardar e proteger a entrada de um lugar que não poderia ser transitado livremente. No livro em estudo, o cão protegia a entrada que dava acesso à pedra filosofal, porém ele não dava acesso direto, tinha outros feitiços. A partir dessa constatação, inicia-se nova fase como na mitologia grega, por isso o fofo também poderia ser combatido ao ouvir música, usada para acalmá-lo como descobriu Hermione, Harry e Rony, retirando essa informação de Hagrid. Detentores desse conhecimento sobre fofo percebemos que ele era a primeira das várias provas que os professores da escola fizeram para proteger a pedra, ao passar por essas provas os alunos descobriram quem entrou para roubá-la, o que levou os leitores e personagens a enfrentar batalhas externas e internas para chegar ao propósito final, observamos essa referência descrito por Jean Chevalier que “*Cão de Hades*, ele simboliza o **terror da morte** entre aqueles que temem os Infernos. Mais ainda, simboliza os próprios Infernos e o **inferno interior** de cada ser humano” (CHEVALIER, 2019, p. 222, grifo do autor).

Considerando as alterações que as criaturas mitológicas passaram em suas construções narrativas, neste momento do trabalho, analisaremos o imaginário dos trolls no livro chamado de trasgo.

3.8 Trasgo

Os Trolls / Trasgos, seguindo as antigas lendas norueguesas eram gigantes, com rostos desfigurados, narizes compridos e curvados, quatro dedos tanto nas mãos quanto nos pés e a maioria possuía um pequeno rabo. São criaturas noturnas que transmutavam em pedra ao entrarem em contato com a luz do sol. Os Trolls / Trasgos em sua maioria viviam centenas de anos, eram peludos e um pouco assustadores. Geralmente fossem ingênuos e de boa índole, sua ira não tinha limites. À vista disso, era fundamental manter uma boa relação com eles, algo que poderia ser benéfico e render bons frutos no futuro.

Segundo Kronzek (2003) em *O manual do bruxo, um dicionário do mundo mágico de Harry Potter*, esse monstro era

Os trasgos são criaturas sobrenaturais extremamente feias que habitam os frios países da Escandinávia, no norte da Europa. São seres ferozes e malvados que gostam de carne humana e de tesouros roubados; eles também são gigantescos, extremamente fortes e notoriamente ignorantes. [...] Diz a lenda que se uma mãe suspeitar que seu bebê é, na verdade, um trasgo, ela deve ameaçar jogar a criança em uma fogueira. Acredita-se que a tola mãe trasgo correrá para socorrer o filho e é nesse momento que a mãe humana pode recuperar o seu bebê. No entanto, esse aborrecimento pode ser evitado se a criança for batizada, já que os trasgos desprezam o cristianismo (a badalada dos sinos de igrejas basta para fazê-los correr na direção oposta) (KRONZEK, 2003, p. 281-282).

Em análise ao décimo capítulo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), Rowling reconfigura o Troll na forma de uma criatura terrível do mundo mágico, a qual denomina de Trasgo. Reconhecemos a divergência do trasgo referenciado por Kronzek (2003) para características do trasgo no livro que levou Harry, Rony e Hermione serem amigos rapidamente.

Trasgo... nas masmorras... achei que devia lhe dizer.
[...]. Era uma visão medonha. Quase quatro metros de altura, a pele cinzenta e baça, o corpanzil cheio de calombos como um pedregulho e uma cabecinha no alto, que mais parecia um coco. Tinha pernas curtas, grossas como um tronco de árvore e pés chatos e calosos. Segurava um enorme bastão de madeira, que arrastava pelo chão, porque seus braços eram compridíssimos. (ROWLING, 2017, p. 118-119).

A relevância dessas análises está em validarem as transformações narrativas das características míticas dos seres, do mesmo modo como acontece o unicórnio para no fantástico literário.

3.9 Unicórnio

Segundo Jean Chevalier (2019), a figura mítica e mística do unicórnio não tem pertencimento a nenhuma mitologia em particular, porém foi integralizado ao imaginário medieval europeu é utilizada para explicar alguns conceitos do cristianismo. Ao ouvir a palavra unicórnio logo imaginamos um animal parecido com um cavalo, contendo uma pelagem muito branca ou prata até cristalina, contendo um chifre em alguma imagem lisinha ou em forma de espiral. O unicórnio está no imaginário popular como um ser mágico, temperamento calmo, brando e amável e que contém uma magia gigantesca contida no interior do animal ou unicamente no chifre.

Segundo Jean Chevalier esse animal

O unicórnio medieval é símbolo de **poder**, o que o chifre essencialmente expresso, mas também de **luxo** e de **pureza**. [...] o unicórnio também simboliza, com seu chifre único no meio da fronte, a flecha espiritual, o raio solar, a espada de Deus, a revelação divina, a penetração do divino na criatura. [...]. O mito do unicórnio é o da fascinação que a pureza continua a exercer sobre os corações mais corrompidos. [...] o unicórnio sempre evoca a idéia de uma **sublimação milagrosa da vida carnal** e de uma força sobrenatural que emana do que é puro (CHEVALIER, 2019, p. 919-920, grifo do autor).

No capítulo quinze de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), a autora relata o momento que Hagrid encontra o unicórnio na Floresta Proibida ao dizer:

Olhem ali, estão vendo aquela coisa brilhante no chão? Prateada? Aquilo é sangue de unicórnio. Tem um unicórnio ali que foi ferido gravemente por alguma coisa. É a segunda vez esta semana. Encontrei um morto na quarta-feira passada. Vamos tentar encontrar o pobrezinho. Talvez a gente precise pôr fim ao sofrimento dele (ROWLING, 2017, p. 169).

Inferimos a ligação do conceito por Jean Chevalier e ao trecho supracitado e todo o contexto do livro em estudo que a Rowling considera o unicórnio como um animal que possui um sangue que pode dar uma vida a uma pessoa que está na margem da morte, mas quando o sangue tocar os lábios de quem matou o animal, que é considerado sagrado e místico, receberá apenas uma semivida e muito amaldiçoada. Com isso, só comprova correlação da definição que de poder de milagrosa renovação da vida.

Os mitos de subsistência desses seres fantásticos permeiam entre culturas e tempos. A cada narrativa novas representações surgem, este é o caso dos centauros estudados neste ponto, criaturas mitológicas reconstruídas por Rowling para sua obra infantojuvenis.

3.10 Centauros

Os centauros são seres fabulosos da mitologia grega que possuíam do homem a cabeça até o tronco e todo resto do corpo de cavalo; o mito conta que os centauros foram convidados para o casamento do seu irmão Píritos, rei da Tessálias, com Hipodâmia filha de Adrasto. Logo após embebedarem-se na cerimônia, tomados pela violência e pela luxúria tentaram raptar a noiva, provocando os Tessálios desencadeando um grande massacre entre os centauros e os humanos. Nessa batalha, grande parte dos centauros foi dizimada com a ajuda de Teseu e expulsos da Tessália, alguns sobreviventes fugiram para as montanhas. Mas, nem todos os centauros eram análogos aos selváticos convidados de Píritos.

Seguindo nossa análise, iremos nos aprofundar em um centauro famoso para a mitologia o Quíron, a ser descrito por Allan Zola Kronzek,

O mais famoso deles é Quíron, que foi professor e mentor de muitos jovens humanos destinados à celebridade, entre eles Hérculos, Aquiles (o herói da Guerra de Tróia), Jasão (capitão do barco *Argo*) e Asclépio, deus da medicina. Conhecido por sua sabedoria e por seu sentido de justiça, Quíron possuía conhecimentos sobre medicina, caça, **herbologia** e navegação celeste. Também praticou a astrologia e a adivinhação. A julgar pela capacidade que tinha Ronam, Agouro e Firenze, de ler o futuro no céu, desconfiamos que esses centauros podem ser descendentes do ramo da família ao qual Quíron pertencia (KRONZEK, 2003, p. 92, grifo do autor).

No livro em estudo, seu conceito descritivo não difere da construção mitológica, com restrição ao *habitat*, porque os centauros do *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), vivem na Floresta Proibida. Com isso, Rowling insere sua visão desta criatura:

[...]e na clareia apareceu um vulto – era um homem, ou um cavalo? Até a cintura, um homem, com cabelos e barba vermelhos, mas da cintura para baixo era luzido cavalo castanho com uma cauda longa e avermelhada. [...]. Ah, é você, **Ronan!** [...]. **Agouro** irromperam do meio das árvores, os flancos arfantes e suados. [...] rosou Agoro. – Lembre-se, **Firenze**, juramos nunca nos indispor com os céus. Você não leu o que vai acontecer nos movimentos dos planetas? (ROWLING, 2017, p. 170-173, grifo nosso).

Observando a citação supracitada da autora, vemos o nome de alguns centauros que foram apontados por Kronzek (2003) e conseguimos perceber que as características desses seres

foram apropriadas pela Rowling no seu livro demonstrado que Ronan, Agouro e Firenze são influenciados pelo céu, o que demonstra a construção dos personagens a partir de evidência sobre mitos e seres mitológicos.

Os mitos e toda mitologia de existência desses seres fantásticos e os deuses, que permeiam entre o tempo e as culturas. A cada narrativa uma nova construção e representação surge, este é o caso do Professor de Defesa Contra as Artes das Trevas nomeado com Quirrell, estudado neste ponto, e que recebeu características de deus reconfigurado por J. K. Rowling para a obra em estudo *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017).

3.11 Quirrell (Jano)

No capítulo dezessete o último, do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) com título “O homem de duas caras”, só pelo por esse título começamos a construir uma ideia e que o personagem não está ali por acaso. No decorrer da leitura por esse capítulo percebemos que a autora nos entrega mais características mitológicas, dessa vez associando-o a um deus romano conhecido por Jano. Observamos a construção do Professor Quirrell segundo Rowling,

Harry se sentiu como o visgo do diabo o tivesse pregado no chão. Não conseguia mover nem um músculo. Petrificado, viu Quirrell erguer os braços e começar a desenrolar o turbante. Que estava acontecendo? O turbante caiu. A cabeça de Quirrell parecia estranhamente pequena sem ele. Então ele virou de costas sem sair do lugar.

Harry poderia ter gritado, mas não conseguiu produzir nem um som. Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrell, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já vira. Era branco-giz com intensos olhos vermelhos e fendas no lugar das narinas, como uma cobra (ROWLING, 2017, p. 197, grifo nosso).

Dando continuidade ao nosso estudo observando na citação supracitada, que o professor possuía dois rostos em uma única cabeça, com isso fazemos uma ligação ao deus Jano onde Hacquard descreve como,

Jano, divindade exclusivamente romana, é o deus do início de todas as coisas. O seu nome provém da mesma raiz que diás, evocando assim o dia luminoso. Com efeito, para os romanos, Jano é sobretudo um deus solar, que estaria na origem de toda vida, presidindo ao acordar de cada dia. Por isso, ele será colocado à cabeça de todas as iniciativas e de todos os empreendimentos. Uma das suas atribuições mais populares é a de protector das chegadas e das partidas, Jano foi ainda o deus das portas, por excelência, quer se trate das portas das casas como das portas das cidades. As suas duas faces permitiam-lhe controlar o interior e o exterior. Para além disso, ele velava também sobre todas as vias de comunicação, terrestres, fluviais e marítimas (HACQUARD, 1996, p. 93-94, grifo do autor).

Fazendo a ligação entre as duas citações supracitadas da autora do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) Rowling e de Hacquard autor do livro *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, reconhecemos que o Professor Quirrell possui as características das duas faces na cabeça, onde todo o livro em estudo o descreve e por isso possui um grande papel crucial para a construção da trama.

Segundo Corradini (2007), descreve o professor da matéria de Defesa contra as Artes das Trevas como medroso e inofensivo, mas o problema é que ele trazia Voldemort escondido sob o seu turbante. Quirrell conheceu Você-Sabe-Quem em uma viagem para Albânia, na qual foi estudar sobre Magia Negra e passou a servi-lo.

O pobre professor morreu depois que Harry o tocou. Diante disso, concluímos que o deus Jano controlava o interior e o exterior desse professor diferente de Quirrell que nem controlava seu próprio corpo porque Voldemort, o controlava por completo.

4 O LATIM DE ROMA A HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

Na produção textual dos livros de Harry Potter, de autoria de J.K. Rowling, especificamente no primeiro livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, por nós analisados, percebemos, constantemente, no decorrer da leitura, o uso de termos e expressões latinas como recurso estilístico essas expressões mostram de quais termos em latim derivam as criações lexicais, de quais construções morfossintáticas são originadas e a forma como sofreram alterações não obedecendo, *ipsis litteris* às regras gramaticais.

Apesar de determinar correlações à etimologia das palavras escolhidas, vocábulos, os neologismos usados pela autora tendem a servir e construir sentidos e significados que são compreensíveis tão somente dentro do contexto narrativo da obra em questão. Ao recorrer às expressões latinas, a autora utiliza palavras capazes de atender uma especificidade ficcional da escrita, para isso utiliza-se de criações literárias cuja abrangência permite-nos perceber que, além dos termos latinos utilizados na tessitura textual dos romances em questão há, por detrás de seu uso, da liberdade de criação, significados estabelecidos e adquiridos através do contexto situacional da narrativa.

De acordo com Bakhtin (2004), independentemente do fato de a língua exibir um sistema aparentemente “fechado”, composto de normas fixas, as novas palavras são criadas porque o falante nativo identifica a palavra não como um elemento do dicionário, porém dentro de um determinado contexto discursivo, especialmente porque os “conceitos mudam com o tempo, e as palavras se revestem de um status bastante elevado, cujo valor exemplar e representativamente como fenômeno ideológico” unifica-se “à excepcional nitidez de sua estrutura semiótica” (p. 95). Deveras, as palavras são carregadas de uma temática ou sentido vivencial capazes de proferir “verdades” ou “mentiras”, coisas boas ou ruins, uma vez que elas buscam, em todos os tempos, validar determinadas ideologias.

Em contrapartida, é necessário distinguir, portanto, os dois processos de criação neológica. O primeiro é a formação analógica cujos processos seguem a frequência da língua, enquanto que o segundo, montagem livre, encontra-se amparado nas matrizes vernaculares ou não da língua. Todavia, o neologismo literário difere profundamente do neologismo da língua porque é muito comum, nos neologismos autorais (neologismos literários), a “sua circunscrição ao texto no qual e para o qual foram gerados” (PINTO, 1989, p.30).

Em se tratando de neologismos literários o autor Refaterre (*apud* VALENTE, 2000, p. 163) afirma que:

O neologismo literário, ao contrário, é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar a atenção porque é captado contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, depende de relações que se situam inteiramente na linguagem.

Por causa disso, o neologismo literário difere profundamente do neologismo na língua porque este último é adulterado na intenção de exprimir um referente ou significado novo, dependendo, exclusivamente, da relação entre palavras e coisa, ou seja, de fatores não linguísticos. A literatura, ao apreciar o léxico da língua latina, procura retomar ou “fazer reviver” uma língua que assumiu, por causa da sua abrangência, o *status* de língua universal, apto para traduzir o significado e as experiências das diversas áreas do campo do saber como meio de cultura do Império Romano, alcançando as regiões dos antigos continentes, tais como: Europa, Ásia e África, da Bretanha a Cartoga (Tunis atual) até o Ponto Euxino (Mar Negro).

Outrossim, a literatura latina permitiu enormes contribuições ao mundo ocidental, desde a criação literária (prosa e poesia), incluindo os mais diversos campos do conhecimento, como a historiografia, da literatura, filosofia e ciências de modo geral. O latim não morreu

completamente, porque, ainda sobrevive nas suas línguas-filhas românicas e demonstra a cultura do mundo ocidental.

Com isto, a escritora J. K. Rowling, ao escrever o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) e toda a série de obra literária, indubitavelmente não tinha como objetivo criar um sistema linguístico endurecido ou até consistente. Desse modo, não se delonga que o uso da “linguagem mágica” seja sim, derivação do latim, tanto nos feitiços conhecidos como palavras mágicas, como nos nomes próprios dos personagens ou em qualquer outro termo, como iremos abordar no capítulo a seguir.

4.1 ANÁLISE DE TERMOS E EXPRESSÕES LATINAS

No livro analisado, percebemos, portanto, o uso de vocábulos ou expressões latinas, ou seja, verbos adjetivos ou substantivos, carregados de significados, identificamos construções complexas de palavras por se tratar de magia/feitiços obedecendo rigorosamente, ao latim clássico. Esses vocábulos e/ou expressões latinas foram elencadas do livro, na seguinte ordem: “(1) *Alvo*, (2) *Rúbeo*, (3) *alohomora*, (4) *wingardium leviosa*, (5) *locomotor mortis*, (6) *petrificus totalus*” (ROWLING, 2017, p. 11-184).

Esses termos e expressões latinas colaboram para dar à série de sete livros um ar de mistério e de eruditismo. J. K. Rowling faz uma transliteração, tipificando o latim de um ângulo diferente, ou seja, uma língua outrora de padres, transforma-se pelo o uso de bruxos dentro do livro em análise. Dessa maneira, temos os feitiços e os nomes próprios de alguns personagens criados partindo do latim desempenhando um poder de fascinação, visto que há um misticismo presente nas construções latinas compreendidas cujo conteúdo um mago precisa adquirir. No primeiro enunciado, abaixo apresentado, identificado no primeiro e durante toda série de livros e filmes,

(1) *Alvo*

(Derivação do adjetivo em latim *albus*⁸ significa branco)

Ninguém jamais vislumbrara nada parecido com este homem na rua dos Alfeneiros. Era alto, magro e muito velho, a julgar pelo prateado dos seus cabelos e de sua barba, suficientemente longos para prender o cinto. Usava vestes longas, uma capa púrpura que arrastava pelo chão e botas com saltos

⁸Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana> Acesso em: 24 mar. 2021.

altos e fivelas. Seus olhos azuis eram claros, luminosos e cintilantes por trás dos óculos em meia-lua e o nariz muito comprido e torto, como se o tivesse quebrado pelo menos duas vezes. O nome dele era **Alvo** Dumbledore.” (ROWLING, 2017, p.11, grifo nosso).

Alvo Dumbledore melhor descrito por Corradini (2007, p. 38-67), “Seu nome quer dizer “branco” e também “sabedoria”. Já o sobrenome vem de um termo do inglês antigo que designava mamangava, um tipo de abelha.”

(2) *Rúbeo*

(Derivação do verbo em latim *rubeo*⁹ significa ter a cor vermelha)

É verdade, não me apresentei. **Rúbeo** Hagrid, Guardião das Chaves e das Terras de Hogwarts (ROWLING, 2017, p. 37, grifo nosso). Segundo CORRADINI, 2007, p. 68, que melhor descreve: “Filho de mãe gigante e pai humano, Hagrid é literalmente um “grande amigo” de Harry e sua turma.

(3) *Alohomora*

(Despedida de obstáculo)

- Ah, sai da frente – Hermione resmungou aborrecida. Agarrando a varinha de Harry, bateu na fechadura e murmurou: - ***Alohomora!*** (ROWLING, 2017, p.110, grifo nosso).

Para a criação deste feitiço, a autora utilizou a palavra havaiana *Aloha* (Despedida) juntando-a com o substantivo feminino latino *Mora*¹⁰ (espera ou demora), isto é, despedida de demora. O feitiço é utilizado para abrir portas.

(4) *Wingardium leviosa*

(Voe alto e levemente)

- **Wingardium leviosa!** – ordenou, sacudindo os braços compridos como pás de moinho.
- Você está dizendo errado – Harry ouviu Hermione corrigir aborrecida. – É Wing-gar-dium levi-o-as. O “gar” é bem pronunciado e longo.
- Diz você então, que é tão sabichona- Retrucou Rony.

⁹Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana> Acesso em: 24 mar. 2021.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Hermione enrolou as mangas das vestes, bateu a varinha e disse:
- **Wingardium leviosa!** (ROWLING, 2017, p.117, grifo nosso).

O feitiço utiliza o termo inglês *wing* (asa) junto do adjetivo latino *arduus*¹¹ (alto) na construção da primeira palavra e o adjetivo *levis*¹² (leve, levitar) como alicerce para a segunda palavra do nome do feitiço, cabendo como possível tradução voe alto e levemente.

(5) *Locomotor mortis*

(Locomoção da morte)

– Agora não esqueça, é **locomotor mortis** – cochilou Hermione enquanto Rony escondia a varinha na manga. (ROWLING, 2017, p.150, grifo nosso)

Este feitiço apresenta uma união de raízes latinas: *loco*¹³ + *moveo*¹⁴ (lugar + movimento - deslocamento) e *mortis*¹⁵ (morto). Nesta expressão, as raízes apontam-se declinadas pois *Motor* está no nominativo singular passivo e *mortis* no genitivo. Deste modo, temos em português a tradução literal deslocamento do morto.

(6) *Petrificus totalus*

(Tornar totalmente pedra)

- **Petrificus totalus!** – falou, apontando para Neville.

Os braços de Neville grudaram dos lados do corpo. As pernas se juntaram. Com o corpo inteiro rígido, ele balançou no mesmo lugar e, em seguida, caiu de cara no chão, duro como pedra.

Hermione correu para desvirá-lo. Os maxilares de Neville estavam trancados de modo que ele não podia falar. Somente os olhos se moviam, mirando-os aterrorizados.

- O que foi que você fez com ele? – sussurrou Harry.

- O feitiço do Corpo Preso – respondeu Hermione, infeliz. – Ah, Neville, me desculpe (ROWLING, 2017, p. 184, grifo nosso).

¹¹ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

¹² Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

¹³ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

¹⁴ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

¹⁵ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

O último feitiço presente no primeiro livro possui uma construção de fácil entendimento. À primeira vista, tem-se a sensação de que se trata de uma perfeita expressão latina perfeitamente declinada, mas ao se fazer uma análise minuciosa, descobre-se que a autora acrescentou a palavra *ficus* que faz sentido porque é um sufixo que dá a ideia de grau superlativo ao adjetivo, por isso há a questão de sonoridade, mas também o grau do adjetivo. Visto que a ideia é tornar totalmente pedra, temos *Petri* deriva do substantivo em latim *petrae*¹⁶(de pedra), já *Totalus* derivando do adjetivo latino *tótus*¹⁷ (total/ inteiro). Ao colocar a partícula *ficus* esclarece-se pela sonoridade, porque *teri totalus* não traz uma sonoridade tão mágica para feitiço, mas *petrificus totalus*, sim.

Concluindo a análise de estudo do primeiro livro da saga, testemunhamos que há a presença de outras palavras, termos ou expressões em latim em todos os feitiços e nos nomes dos personagens, e percebemos que a autora utiliza de palavras de línguas “clássicas” para as construções dos significados dos feitiços e diversas palavras.

A partir do levantamento de termos ou expressões latinas utilizadas no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), por nós analisados, de J. K. Rowling, entendemos que, na atualidade, o recurso ao latim uma língua clássica que por muito tempo foi utilizada para escrita da ciência, da filosofia, da teologia e também na criação de uma obra literária. Esse recurso está, diretamente, implicado, no conhecimento e na valorização do texto, isto é, no *status* que outra língua, as vezes estranha, não corriqueira e de não falantes, pode propiciar à literatura contemporânea. Possibilitando uma grande contribuição sobre o latim e sua importância para os bruxos dentro do livro em análise, Colbert (2001) aponta que:

Diferentemente de muitas escolas Hogwarts, aparentemente, não enfatiza o aprendizado de idiomas estrangeiros, pelo menos não nos primeiros anos. Mas existe uma língua com a qual, desde o primeiro ano, os estudantes vivem esbarrando: o latim. Muitos encantamentos, feitiços e maldições são nada mais do que palavras em latim que expressam o efeito desejado.
[...]. Também o lema de Hogwarts é em latim: *Draco dormiens nunquam titillandus* (“Nunca provoque um dragão adormecido”). J. K. Rowling, pessoalmente, disse certa vez: “Gosto de imaginar os bruxos usando essa língua morta como se ela ainda estivesse viva (COLBERT, 2001, p. 130-131).

¹⁶ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_baseado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Seguindo essa linha de concepção, a autora J. K. Rowling constrói um mundo mágico, misterioso e místico no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) e toda série, o qual fixa a atenção de leitores. Com isso, vários jovens por meio da leitura transportam-se para o mundo imaginário de “Harry” e com destino a escola de Hogwarts. Esses leitores veem na figura dos bruxinhos um ser dotado de poderes sensacionais. Que se tornam mais interessantes, por serem proferidos em uma língua de sonoridade conhecida, como é o latim, estando ou não em seu estado ortográfico puro.

Além disso, independentemente, se o recurso do latim, no campo literário, busca executar às regras gramaticais normativas ou não, conhecemos, de antemão, que o seu uso – seja através da criação de novos termos ou recriação propriamente dita, na intenção de valorização do produto, corrobora para uma retomada da língua latina porque, em concordância a análise e estabelece sentidos e significados intrínsecos ao universo literário.

Por essa razão, os termos e expressões latinas, presentes na literatura britânica da série de livros de Harry Potter de J. K. Rowling mostram-se como recursos estilísticos assimilados de palavras já existentes na língua latina ou simplesmente análogas, mas que, no processo de criação, obtém novas formas, novas roupagens, diferentemente das palavras dicionarizadas ou normalizadas gramaticalmente. Refere-se à criações ou expressões literárias, semelhante ao léxico ou construções sintáticas latinas, sem, contudo, ser fiel a ela, inovando sempre que é preciso, uma vez que a literatura, terreno fértil para a inovação, ostenta contextos e novas situações que proporcionam melhor a comunicação, a partir da livre expressão do pensamento.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar um levantamento parcial e uma análise de ações mitológicas e da língua latina que, por sua vez, está atrelada a maioria, ou melhor, em todo livro de grande sucesso. A utilização da mitologia grega e da língua latina é de grande relevância e contribuição para toda construção de uma nova ou continuidade da literatura.

A obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) e o seu contexto de produção exigem de uma investigação acerca do público leitor ao qual é destinado. A influência da literatura levanta um conjunto de forças que examina o contexto da obra e se encerra na convivência do leitor. Por mais adequado que seja da fonte literária, as teorias utilizadas progridem não só por uma metodologia única para o pesquisador em seu trabalho, mas na busca de resultados para seus questionamentos que se entrecorram no início de sua jornada científica. Observando a sociedade na qual o autor une e o seu contexto no uso de determinados signos, buscando compreender a fonte em criação.

O livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) e toda a série de J. K. Rowling em sua ampla concepção de criaturas nos permite visualizar o amplo campo de representações mitológicas em suas numerosas páginas. Entretanto simbolismos desses seres retratados nessa literatura podem estimular o interesse dos jovens leitores aguçando outras leituras ou busca por maiores informações acerca dos mesmos, através de uma análise que os guiaria às primeiras descrições desses seres.

Essa concepção da construção das criaturas na série a partir de suas construções e produções mitológicas faz-se entranhadas em muitas das literaturas desde a Antiguidade até hoje em dia, e cada uma das mesmas com uma ressignificação construtiva. Contudo os relatos mitológicos em muitas das suas percepções, as literaturas podem adequar a janela para o conhecimento da origem das crenças e costumes descritos nessas obras.

Dessa forma, concluímos que é provável analisar uma obra literária, em nosso caso o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), percorrendo a outras possibilidades que não fiquem no escopo apenas das personagens principais ou da narrativa, numa abordagem que tenta evidenciar os elementos considerados menores. A história é construída também de assimilação excluídos e eclipsados de uma obra e toda sua série com vários personagens jovens, carismáticos e britânicos, e mesmo crescendo nesse universo literário nossa intenção no presente trabalho segue nessa abordagem de perceber os silêncios.

Dando continuidade, com base do levantamento de termos e expressões latinos utilizados no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), por nós analisados, de J. K. Rowling

compreendemos que, na atualidade, o recurso ao latim na criação de obra literária, está, diretamente, implicado na sabedoria e na valorização do texto, ou seja, no *status* que outra língua, às vezes a língua clássica, não corriqueira e de não falantes, pode possibilitar a literatura contemporânea. Além disso, independentemente, se o recurso ao latim, no campo literário, busca acatar às regras gramaticais normativas ou não, entendemos de antemão, que seu uso, isto é da criação de novos termos ou recriação propriamente dita, na intenção de valorização do produto, corrobora para uma retomada da língua latina porque, conforme a análise estabelece sentidos e significados intrínsecos ao universo literária.

Sobre os termos e expressões latinas presentes na literatura britânica do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017) de J. K. Rowling mostram-se como recursos estilísticos assimilado de palavras já existentes na língua latina ou simplesmente análogas, mas que, no processo de criação, assume novas formas, novas roupagens, diferentemente das palavras dicionarizadas ou normalizadas gramaticalmente. Refere-se o uso de termos ou similares ao léxico ou construções sintáticas latinas, sem, contudo, ser fiel a ela, atualizando sempre que é preciso, uma vez que a literatura, terreno fértil para a inovação, mostra contextos e novas situações que possibilitam melhor a comunicação, a começar da livre expressão do pensamento.

Nosso estudo em síntese, pode reconhecer que o uso de novos termos e expressões latinos, na literatura de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), busca dar conta de contextos socioculturais emergentes da produção textual contemporânea, modernos conceitos, fatos, objetos, concedidos por um determinado tempo e que são naturalmente forjadas com pedaços de outras, não dicionarizadas. Essa situação concede ao autor (ou autores) modernos brincar com palavras latinas já existentes e outras não existentes, produzindo, assim, a partir da similaridade, neologismos literários, ratificando para que os leitores sejam capazes de se satisfazer hoje com o vocabulário, quase latino, de ontem.

Ao nosso ver, a autora fez uso de termos e expressões latinas contemplando seus significados etimológicos originais, sem, contudo, prender-se à sua estrutura sintática da gramática normativa, a despeito de obter certo conhecimento da língua latina. Com resultado, J. K. Rowling inovou, conscientemente, partindo das novas possibilidades de composição, justaposição, sem quaisquer apreensões com os morfemas, principalmente porque, na literatura em questão, a apreensão com termos e expressões latinos, está respaldada na sonoridade, na áurea mística e na estética dos vocábulos empregados, no propósito de melhor ambientar e minuciar o enredo da narrativa. Enfim, Rowling usou a língua latina com um instrumento estética para auxiliar na ambientação e caracterização da narrativa, apoderando-se da aura mística que circunda a língua latina, interligado ao uso da língua latina temos na literatura a

retratação da mitologia na obra em análise que por sua maneira agradam engrandece até os presentes tempos leitores de diversas idades.

Por fim, considera-se que os objetivos da pesquisa foram desenvolvidos, entretanto, sugere-se um aprofundamento maior sobre o tema, visto que são muitas as nuances que configuram a questão da mitologia e a língua latina. Salienta-se que a abrangência deste estudo não se esgota aqui, pois muitas lacunas e possibilidades merecem maior investigação, como a dimensão de toda série de livros de Harry Potter que foi discutida apenas o primeiro livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2017), mas de interesse relevante para futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARTLETT, Sarah. **A Bíblia da mitologia: tudo o que você queria saber sobre mitologia**. São Paulo: Pensamento, 2011.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v. I. - Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 1986.
- BULFINCH, Thomas, 1796- 1867. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis/ Thomas Bulfinch**. Tradução: David Jardim Júnior, 26. ed. – Rio de Janeiro: Editora, 2002.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Entrevista com Bill Moyers. São Paulo: Ed. Palas Athena, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1994.
- CHEVALIER, Jean, 1906. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant. André Barbaut... [et al.] (Org.); Carlos Sussekind (Coord.)**. Tradução: Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 33. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- COLBERT, David. **O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lenda e histórias fascinantes / David Colbert**. Tradução: Rosa Amanda Strausz. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- CORRADINI, Ana Paula. **Almanaque de Harry Potter e outros bruxos**. In: _____ (Org.). 2. ed. – São Paulo: Panda Books, 2007.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: Autores e Obras Fundamentais**. São Paulo: Ática, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. v. 32. - Lisboa: Edições 70, 1957.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. 2. ed. - São Paulo: Editora Ática, 1998.
- FERREIRA, Lúcia Rocha. **Oralidade e Memória: a função das narrativas na educação. Perspectivas: Florianópolis**, v. 33, n. 1, p. 27- 53, jan./abr., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-79x.2015v33n1p27>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega**. Mem Martins: Publicações Europa América, 1990.
- HACQUARD, Georges. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Porto: Edições ASA, 1996.

HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. Metodologia Científica e da Pesquisa. 5. ed. **Rev. e atual.** Santa Catarina: UnisulVirtual, 2007. Disponível em: http://www.fatecead.com.br/mpc/aula01_ebook_unisulvirtual.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

HESIODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. 4. ed. - São Paulo: Iluminuras, 2001.

HOLM, Jean , BOWKER, John. **Mito e História**. Mem Martins: Publicação Europa América, 1997.

KRONZEK, Allan Zola. **O Manual do Bruxo** – um dicionário do mundo mágico de Harry Potter/ Allan Zola Kronzek e Elizabeth Kronzek. Tradução: Rubens Figueiredo e Sabrina Ricci Netto. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: 2001.

MALONE, Aubrey. **O universo de Harry Potter de A a Z**: o guia não oficial definitivo de toda a série / Aubrey Malone. Tradução: Daniel Queiroz de Souza Lima, Maria Inês Duque. Estrada. 2. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

MENDES, DÉBORA ULIAN; SANTOS, ELAINE CRISTINA PRADOS DOS. O Mito do Herói e sua Jornada em Harry Potter e a Pedra Filosofal. In: XV Jornada Científica de iniciação científica e IX Mostra de Iniciação Tecnológica, 2019, São Paulo. **Anais eletrônico...** Disponível em: <file:///C:/Users/COMPUT~1/AppData/Local/Temp/1356-7955-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MEUNIER, Mário. **Nova mitologia clássica: A legenda dourada – História dos deuses e heróis da antiguidade**. 8. ed. - São Paulo: IBRASA, 1961. (Biblioteca histórica; 10).

OLIVEIRA, Ernesto Ferreira de. As línguas românicas. **Akropolis**, Umuarama- PR, v. 9, n. 1, jan./mar., p. 8-11, 2001.

PINTO, Edith Pimentel. **História da língua portuguesa**: VI- século XX. São Paulo: Ática, 1989.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

VALENTE, André. **Aulas de português**: perspectivas inovadoras. Petrópolis: Vozes, 2002.

WATTEL, Odile. **As Religiões Grega e Romana**. Tradução: J. Espadeiro Martins, Coleção Saber, n. 244. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsias_envolvendo_Harry_Potter>. Acesso em: 01/10/2020

Disponível em:

<https://www.academia.edu/25963159/Vocabul%C3%A1rio_Latim_Portugu%C3%AAs_bas_eado_no_livro_Lingua_Latina_Per_Se_Illustrata_Familia_Romana>. Acesso em: 24 mar. 2021.